



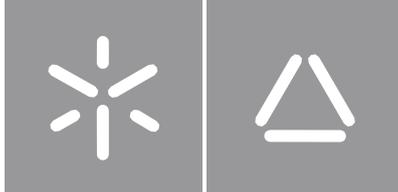
Simão Pedro Magalhães de Castro **Guia para a Transição Ecológica em Vizela.**
Um estudo exploratório



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Simão Pedro Magalhães de Castro

Guia para a transição ecológica em Vizela.
Um estudo exploratório



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Simão Pedro Magalhães de Castro

**Guia para a transição ecológica em Vizela.
Um estudo exploratório**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia
Especialização em Políticas Sociais

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Fernando Pinheiro Neves

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Todo o caminho percorrido para a elaboração deste projeto apenas foi conseguido devido ao empenho da minha família, os meus pais, a minha irmã e sobrinhos e, com especial carinho, dos meus sogros, que sempre foram o mais prestáveis possível. A força motivadora que sempre esteve presente foram os meus filhos e a minha esposa, que me deram ânimo e momentos de concentração, que em todos os momentos compreenderam este tempo de estudo e constantemente me proporcionaram momentos de alegria. Sem eles, este trabalho não teria sido possível.

A realização deste trabalho foi também concretizada pela atenção e o apoio do Professor José Neves, que conseguiu sempre mostrar-me um outro rumo quando o caminho parecia fechar-se. Destaco também a valiosa ajuda da Professora Rita Ribeiro, que sempre se mostrou pronta no esclarecimento de dúvidas com uma palavra de motivação.

A todos, um muito obrigado pelo apoio, a ajuda e a força!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Para combater um sistema mundial que molda a economia a partir da exploração intensiva dos hidrocarbonetos e de um paradigma de vida quotidiano baseado no consumismo, no excesso de produção não reciclável, na obsolescência, na poluição generalizada, na destruição de habitats e ecossistemas com biodiversidade e, nos ecossistemas sociais, no aumento da desigualdade social de acesso aos recursos, emerge o “Movimento de Transição”, na procura de uma sociedade melhor, digna e sustentável. Alicerçando localmente as suas bases para crescer a nível global e partindo das competências e capacidades de resistência grupal, o movimento influencia um crescente número de iniciativas em vários países, existindo mais de 35 países onde se pratica a Transição através de um total de 939 iniciativas.

Portugal, nomeadamente, conta com 22 comunidades em transição: a título de exemplo, Famalicão em Transição, Braga em Transição, Transição em Pombal e, muito recentemente, a iniciativa Transição Viana do Castelo. O projeto descrito na dissertação assume a forma de investigação com uma componente interventiva. Essencialmente, o presente texto consiste numa espécie de guia para a transição ecológica no concelho de Vizela. Para além de o autor da dissertação ter uma forte ligação com este território, justificando assim a sua escolha, deve-se sublinhar que o local suprarreferido apresenta características propícias à transição enquanto projeto piloto e exemplar, demonstrando que toda uma comunidade pode, servindo-se de metodologias participativas, transformar o seu paradigma de vida quotidiana.

PALAVRAS-CHAVE Decrescimento, Proximidade, Sócio-ambiental, Transição

ABSTRACT

To combat a global system that shapes an economy based on intensive hydrocarbon exploitation and a paradigm of everyday life based on consumerism, excessive non-recyclable production, obsolescence, widespread pollution, destruction of habitats and ecosystems with biodiversity and, in social ecosystems, based on increasing social inequality in access to resources, the “Transition Movement” emerges, searching for a better, dignified and sustainable society. Basing its foundations locally in order to grow globally, and starting from the skills and capacities of group resistance, the movement influences an increasing number of initiatives in several countries, with more than 35 countries where Transition is practiced in a total of 939 initiatives.

Namely in Portugal where it has 22 communities in transition, such as Famalicão in Transição, Braga in Transição, Transição in Pombal and very recently the Transição Viana do Castelo initiative. The project, described in the dissertation, takes the form of an investigation with an intervention component. It essentially consists of a kind of guide for the ecological transition in the municipality of Vizela. In addition to the author of the dissertation having a strong connection with this territory, thus justifying his choice, it should be noted that the area of the municipality of Vizela has characteristics conducive to the transition as a pilot and exemplary project demonstrating that an entire community can, using participatory methodologies, transform your everyday life paradigm.

KEYWORDS Growth, Proximity, Socio-environmental, Transition

ÍNDICE

Introdução	10
1. Enquadramento teórico	11
1.1. O nascer da Transição	11
1.2. Transição no mundo	14
1.3. Portugal e a Transição	15
1.4. Transição um conceito de Inovação Social	17
1.5. Transição como estratégia alternativa virada para o novo conceito de “decrescimento”	18
2. Caracterização das potencialidades da área do município de Vizela	22
2.1. Características Físicas e Sociais do Concelho de Vizela	23
2.2. O município de Vizela apresenta potencialidades para a implementação da Transição	28
3. Enquadramento Económico	28
3.1 Diagnostico BOS (Blue Ocean Strategy)	29
4. Enquadramento Ecológico	30
5. Metodologia	30
6. Objetivos do movimento Vizela em Transição	32
7. O Projeto Vizela em Transição	33
8. Esboço da iniciativa a implementar	37
Conclusão	37
Referências Bibliográficas	39
Anexos	40

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Concelho de Vizela, identificando as suas freguesias.

<https://www.cm-vizela.pt/sample-page/juntas-de-freguesia/>

Figura 2. Lavadeiras e crianças tomando banhos no rio Vizela (1908).

[https://3.bp.blogspot.com/--](https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg)

[HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg](https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg)

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Cronograma das atividades para o movimento Vizela em Transição.

INTRODUÇÃO

Para combater um sistema mundial que molda uma economia baseada na exploração intensiva dos hidrocarbonetos e num paradigma de vida quotidiano baseado no consumismo, no excesso de produção não reciclável, na obsolescência, na poluição generalizada, na destruição de habitats e ecossistemas com biodiversidade e, nos ecossistemas sociais, no aumento da desigualdade social de acesso aos recursos, emerge o “Movimento de Transição” na procura de uma sociedade melhor, digna e sustentável. Alicerçando localmente as suas bases, para crescer globalmente, e partindo das competências e capacidades de resistência grupal, o movimento influencia um número de iniciativas em vários países cada vez maior, perfazendo um total de 939 iniciativas em mais de 35 países. Em Portugal, nomeadamente, conta com 22 comunidades em transição, tais como Famalicão em Transição, Braga em Transição, Transição em Pombal e, muito recentemente, a iniciativa Transição Viana do Castelo. O projeto descrito na dissertação assume a forma de uma investigação com uma componente de intervenção. Essencialmente, consiste numa espécie de guia para a transição ecológica no concelho de Vizela. Para além do autor da dissertação ter uma ligação forte com este território, justificando assim a sua escolha, deve-se sublinhar que a zona do concelho de Vizela apresenta características propícias à Transição como um projeto piloto e exemplar, demonstrando que toda uma comunidade pode, a partir do uso de metodologias participativas, transformar o seu paradigma de vida quotidiana.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico deste projeto irá, em primeiro lugar, recensear algumas ferramentas teóricas que inspiram o movimento de Transição. Em seguida, fará uma descrição das suas origens e do grau de disseminação a nível mundial e a nível nacional. Por fim, haverá lugar para uma articulação com outros conceitos ligados à Sociologia do Desenvolvimento e à Sociologia da Inovação, entre os quais se enquadram o crescimento sustentável, o decrescimento e a inovação social.

1.1. O Nascer da Transição

Após diferentes tentativas de iniciação, a Transição surge pela primeira vez em Totnes, Inglaterra, no ano de 2005. O movimento começou com a liderança de Rob Hopkins, formado em Qualidade Ambiental e Gestão de Recursos pela Universidade West of England (1993-1996) que, posteriormente à fundação da Transition Town Totnes, obtém um Mestrado em Pesquisa Social (2007) e um doutoramento sobre a Transição (2011) pela Plymouth University. A eles junta-se ainda Naresh Giangrande, que abandona o cargo de diretor executivo de uma empresa paisagística para se dedicar inteiramente ao movimento de transição (TransitionNetwork, 2020).

A Transição identifica-se como “um experimento social contínuo, um movimento de comunidades que se reúnem para reimaginar e reconstruir nosso mundo por meio de um progresso de criação de cultura humana saudável” (TransitionNetwork, 2016, p.7). O experimento procura encontrar soluções às adversidades do mundo atual através da transformação a nível local.

Inicialmente, a Transição encontra um maior e mais rápido impacto na prática da agricultura. Esta atividade é, ainda hoje, uma das primeiras etapas que diversos grupos de Transição procuram atingir, uma vez que os processos não infringem regras nem leis e são praticamente a custo zero. A partir da agricultura, é mais fácil introduzir o conceito de Transição numa comunidade. Contudo, de forma gradual, ela chega rapidamente a todos os setores do nosso quotidiano, impulsionando todo o tipo de novos projetos, empresas e oportunidades de investimento (TransitionNetwork, 2016).

A Transição, que hoje conhecemos como “TransitionNetwork”, passou por vários processos de aprendizagem no que concerne à sua construção. Um dos principais pilares desenvolvidos em particular neste movimento é a criação do grupo interno “Heart and Soul”, formado por Hillary Prentice, ecologista, e Sophy Banks, formada em psicoterapia. Posteriormente, foi redesignado como “Inner Transition” (TransitionNetwork, 2020). O fundamento da criação deste grupo consiste na forma como o Eu encara a Transição, abordando a mudança que provoca no interior de cada indivíduo e as emoções e responsabilidades que se podem criar nele para que se torne parte do movimento. Até que ponto o Eu se consegue integrar e dar-se a um movimento que entende que as relações sociais são a sua maior conquista na transformação de uma comunidade/sociedade? Esta questão, entre muitas outras, é, de facto, importante para que o indivíduo indague se está realmente aberto e recetivo a aceitar o movimento como seu, no qual a diferença que se pretende fazer no mundo atual se concretiza através da mudança comportamental humana, quer a nível de hábitos diários, quer nas relações sociais. O movimento de Transição estabelece, assim, juntamente com a orientação pessoal, princípios pelos quais os praticantes da Transição se devem reger

(TransitionNetwork, 2020):

- Respeitar os limites dos recursos e criar resiliência: existe a necessidade urgente de reduzir as emissões de dióxido de carbono e de diminuir significativamente a dependência humana de combustíveis fósseis. Empregar um uso sensato de recursos preciosos está na vanguarda de tudo o que fazemos.

- Promover a inclusão e a justiça social: as pessoas mais desfavorecidas e impotentes da sociedade serão provavelmente as mais afetadas pelo aumento dos preços dos combustíveis e dos alimentos, resultante da escassez de recursos e de situações climáticas extremas. Pretende-se incrementar as oportunidades de todos os grupos sociais, para que todos atinjam uma boa qualidade de vida e a vivam de forma saudável, com meios de subsistência assentes na sustentabilidade.

- Adotar a subsidiariedade: adequar a auto-organização e a tomada de decisões. A intenção do modelo de Transição não é centralizar ou controlar a tomada de decisões, mas sim trabalhar com todos os intervenientes para que seja praticada ao nível mais apropriado, prático e capacitante possível.

- Prestar atenção ao equilíbrio: ao responder a desafios globais urgentes, é comum que as pessoas e os grupos acabem por se sentir sob um maior nível de stress, fechados, pressionados ou coagidos, em vez de abertos, criativos e conectados ao momento presente. Há que criar espaço para refletir, celebrar e descansar, por via a atingir o equilíbrio entre os momentos em que as pessoas estão ocupadas e atentas em intervir e participar ativamente na mudança. O processo passa por explorar formas diferentes de trabalho que envolvam tanto a cabeça, a nível mental, como também as mãos e o coração, visando potenciar o desenvolvimento de relações colaborativas e confiáveis.

- Fazer parte de uma rede experimental de aprendizagem: a Transição é uma experiência social global em tempo real e da vida real. Integrar ou fazer parte de uma rede significa ter a capacidade de criar mudanças mais rápida e eficazmente, tirando proveito das experiências e dos conhecimentos dos outros elementos. Queremos reconhecer e aprender com o fracasso, tal como com o sucesso. Afinal, ao ser ousado e encontrar novos modos de vida e de trabalho, nem sempre é possível acertar à primeira vez. Promover-se-á a abertura sobre os processos a empregar e vamos ativamente procurar receber feedback e dar uma resposta positiva.

- Compartilhar livremente ideias e poder: a Transição é um movimento da sociedade civil, onde as ideias podem ser adotadas rápida, ampla e efetivamente, porque cada comunidade toma posse do processo. A Transição parece diferente em diferentes lugares e queremos encorajar a diversidade, em vez de coagir sem auxílio.

- Colaborar e procurar sinergias: a abordagem da Transição passa por trabalhar em conjunto como uma comunidade, fomentando o pensamento coletivo com a finalidade de alcançar um impacto maior em grupo do que sozinhos enquanto indivíduos. Procuraremos oportunidades para construir parcerias criativas e poderosas para o movimento de Transição e além dele, com vista a desenvolver uma cultura colaborativa, encontrar elos entre projetos, criar processos abertos de tomada de decisão e elaborar eventos e atividades que ajudem as pessoas a estabelecer conexões.

- Fomentar uma visão e criatividade positivas: o foco principal não é ir contra as coisas, mas desenvolver e promover possibilidades positivas. Acreditamos no uso de formas

criativas de engajar e envolver as pessoas, incentivando-as a imaginar o futuro que querem habitar. A geração de novas histórias é fundamental para esse trabalho de visão, como também o são a diversão e a celebração do sucesso.

Deste modo, a Transição baseada no conceito de proximidade procura atuar localmente, pois será dentro das comunidades que melhor poderão servir estes valores. Só através do melhoramento contínuo das relações sociais que nos são mais próximas será possível concretizar-se a Transição. A título de exemplo, tem-se a economia de proximidade, um espaço recreativo, uma horta conjunta, entre outras possibilidades.

Ao longo do tempo, a Transição vai, juntamente com os paradigmas da sociedade, introduzindo novas formas de resiliência no seu movimento, preparando progressivamente as comunidades a saber reagir de forma mais eficaz a novas problemáticas que possam surgir. Em dificuldades futuras, não se pretende antecipar ou recear a ameaça mas poder encontrar e atribuir-lhe uma solução num período de tempo mais curto. A finalidade passa por libertar a comunidade de viver em ansiedade relativamente ao “medo” constante da possível ameaça, em prol do enriquecimento da união comunitária na procura de soluções (Twigg, J., 2009). Estas novas formas de afirmação da Transição devem-se também à diferença que cada grupo de Transição pode apresentar uma vez que, ao atuar localmente, a Transição vai procurar resolver os problemas na comunidade onde está inserida. Por exemplo, uma comunidade em contexto urbano que contém gangues rivais não vai manifestar os mesmos problemas de uma comunidade rural que apresenta problemas em relação ao cultivo intensivo e a um rio poluído, daí o facto de a Transição poder alcançar os mais diversos níveis sociais nos mais variados cenários possíveis.

Procuramos uma simplicidade perdida neste ruído civilizacional. Temos como referência o Movimento de Transição, que consiste numa caminhada em direção à autonomia e resiliência das comunidades, através da participação ativa de todos no seu meio. Procuramos que as nossas comunidades voltem a ter as rédeas da sua própria existência, e que nós, cidadãos, percamos o medo de sonhar e reconquistemos a confiança no outro, o nosso vizinho, para que, juntos, construamos a sociedade à nossa imagem (TransitionNetwork, 2020).

O conceito da territorialidade pode também, como o conceito de resiliência, ser inserido no contexto teórico em relação ao movimento da Transição. A territorialidade apresenta-se como a identificação de um dado espaço ou território, em que este assume características próprias.

O conceito de territorialidade [...] está ligado ao de identidade porque o território pressupõe manifestações identitárias. A territorialidade é “a qualidade subjetiva do grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida” (Cara, 2002, p.261).

O espaço, para Fischer, “informa-nos sobre a maneira como o trabalhador aceita, utiliza, investe ou rejeita seu trabalho” (Fischer, 1994, p.84), sendo este entendido como ligação a partir da qual tenta recriar sua identidade e, da mesma forma, tornar o espaço um reflexo de si mesmo. À medida que são permeados pela identidade, os espaços e seus desdobramentos se convertem em territórios que se fundem e em realidade que se constrói. A construção do cotidiano dos indivíduos materializa-se no entorno de coisas que apresentam valor simbólico. Fischer (1994) entende o território “como uma dimensão interativa do comportamento humano em dado contexto” (p.85). Os territórios revelam o que os indivíduos são como membros de uma sociedade. Conhecer o território, em primeiro lugar, é, como espaço

apropriado, “conhecer a si mesmo, nas partes e no todo. Em segundo, conhecer o território é conhecer o outro” (Silva, 2002, p.259, citado em Saraiva, L., Carrieri, A. & Soares, A., 2014). Assim, o conceito da Transição surge com a preocupação pela necessidade de alteração comportamental do ser humano, bem como da mudança de mentalidade em relação ao seu estilo de vida e interação com o meio ambiente. A formação do movimento de Transição compreende princípios fundamentais a implementar, de maneira a que as diferenças sociais e a exclusão social tenham o menor impacto possível no seu interior, do mesmo modo que procura proporcionar oportunidades de negócios na tentativa de criar uma economia circular sustentável na qual todos possam lucrar desses investimentos, aumentando, através da resiliência das suas ações, as relações intersociais, afirmando cada vez mais a territorialidade das comunidades onde está inserida.

1.2. Transição no Mundo

Após o seu início em Totnes, Inglaterra, o Movimento de Transição vem formar, ao longo do tempo, vários grupos por todo o mundo, somando, na atualidade, 939 iniciativas (TransitionNetwork, 2020), em que a significativa maioria se apresenta na Europa com 491 iniciativas, onde a Inglaterra lidera com 336 atividades. Nos Estados Unidos, conhecem-se 232 iniciativas.

Os grupos de Transição surgem com os mais variados ideais e formas de fazer a Transição, demonstrando que esta pode abranger as mais variadas formas do saber humano, permitindo dar resposta a problemáticas das mais diversas causas, como exemplo:

- Transition Newcastle, Austrália, que tem como principais atividades a reciclagem e um espaço nos mercados locais de agricultores onde as pessoas podem vender os seus produtos excedentes dos seus cultivos, quer sejam do próprio quintal ou de hortas comunitárias;

- Transition South Barwon, Austrália, abrangendo uma grande área populacional, tem como foco a promoção de uma comunidade com um futuro pós-carbono pobre em energia, rica em tempo, menos stressante, saudável e feliz;

- Transition Initiative Villa 4 Alamos-Maipu, Chile, que com o esforço de mais de 3.000 pessoas construíram o primeiro eco-bairro no Chile revitalizando os espaços públicos e alterando a vida em comunidade. Conseguiram ao longo do tempo plantar pomares comunitários produtivos, criar uma estação de compostagem e reciclagem de garrafas e resíduos sólidos, como também um centro de ensino sobre ecologia. Tornando-se assim um ícone nacional visitado pelos políticos locais e nacionais bem como por políticos internacionais. Segundo a TransitionNetwork (2020), “este projeto conseguiu transformar um bairro com problemas de droga e delinquência num bairro onde as pessoas se sentem mais seguras, mais orgulhosas e com mais poder”.

- Association Vestigium, Croácia, integrada num distrito com 12.000 habitantes, onde carece um centro de saúde, um mercado de agricultores, uma biblioteca, um centro cultural, procura implementar uma comunidade sustentável, promovendo a boa economia. No presente o grupo pratica atividades como apresentações, aulas de culinária, projetos criativos, jardinagem, onde procuram envolver os cidadãos numa socialização e ativismo a partir das diferentes práticas;

- Greyton Transition Town, Africa do Sul, iniciada em meados de 2011, procura

sensibilizar as comunidades de Greyton, Genadendal e aldeias vizinhas a acolher a Transição como forma de combater o aumento de combustíveis e o correspondente aumento do custo de vida a nível alimentar, procurando construir uma comunidade resiliente e sustentável;

- Ibiza Transition Island, Espanha, que aposta na atracção turística, principal característica da ilha, como forma de demonstrar as boas práticas sustentáveis a todo o mundo, conseguindo tornar-se em boa medida um bom exemplo de conscientização ambiental;

- Palermo in Transition, Sicília, Itália, que procura mudar os paradigmas e estereótipos atuais sobre a cidade, onde acredita que Palermo mostra um grande potencial à Transição;

- Oahu, Hawaii, Estados Unidos da América, que tem focado as suas atividades em exposições de filmes e oficinas em torno dos alimentos, evidenciando real interesse em desenvolver uma moeda local na comunidade.

Todas estas iniciativas refletem a necessidade e a vontade de uma comunidade que procura contrariar o estado atual da economia, a preocupação com o meio ambiente e o aumento significativo de pensar a sustentabilidade.

Assistimos a grupos capazes de mobilizar grandes áreas populacionais, de criar uma economia local própria, de conseguir manter a sustentabilidade numa comunidade fazendo-a praticamente autossustentável, e de desenvolver projetos de forma a estabelecer as bases numa comunidade onde não apresentam serviços estatais. Tudo isto devido ao esforço incansável da sensibilização, do atrevimento a pensar diferente, de querer viver numa comunidade onde as relações pessoais e sociais são a principal ferramenta aliada ao desafio de ser criativo e acreditar num ideal.

1.3. Portugal e a Transição

Portugal acolhe também o movimento de Transição, havendo iniciado o processo a partir de 2008, com a realização de uma palestra, em agosto, na Quinta da Cabeça do Mato, Tábua, Vila Seca, orientada por Mandy Dean, formadora da TransitionNetwork. Posteriormente, em 2010, surgiram as primeiras iniciativas de Transição, primeiro em Paredes e logo de seguida em Pombal, contando na atualidade com 22 iniciativas, disseminadas por 12 distritos, tais como Braga, Porto, Funchal, Beja, entre outros (Transição Portugal, 2020).

As iniciativas em Portugal, e o próprio movimento em si, seguiram um percurso idêntico a muitos outros casos de Transição, em que no início foi fácil a criação do grupo, mas com o avançar do tempo e os grupos ficarem mais sólidos surgiram clivagens entre opiniões individuais que posteriormente se juntaram seguindo dois trajetos. Um que tornou possível a criação de subgrupos e a iniciativa continuou, e outro que sucedeu à dissolução da tentativa de iniciação por elevar os conflitos a um estado insuportável (TransitionNetwork, 2020).

Apesar das adversidades, Portugal apresenta grupos fortes de Transição que mostram cada vez mais a sua força na transformação de mentalidades pela sensibilização, pelas atividades que promovem e pelo exemplo que a todos querem transmitir que é possível fazer e querer fazer diferente, como exemplo temos grupos de Transição como:

- Famalicão em Transição, que tem como início do seu grupo aquando a participação de indivíduos na atividade “Limpar Portugal”, em 2010, que vêm formar oficialmente, em julho de 2011, o grupo de Transição, criando posteriormente, em agosto de 2016, a Associação Famalicão em Transição. É notável o trabalho que realizam, sempre com a

preocupação de envolver o maior número possível de pessoas da comunidade, bem como gentes de terras vizinhas, onde é possível seguir todas as suas atividades na página do seu Facebook. É também um grupo que consegue transmitir a coesão existente no seu interior contendo grupos de trabalho como transição interna, educação, economia circular, meio ambiente e comunicação;

- Paredes em Transição, é também um outro exemplo de um grupo que consegue ultrapassar todas as adversidades na sua formação, onde prevalece o ideal de tornar a comunidade mais resiliente e sustentável, menos dependente em energias fósseis e do abastecimento de alimentos oriundos do exterior à comunidade. Para isso promove a sensibilização através de sessões de cinema, seguidas de debates em grupo e colóquios sobre as problemáticas atuais. Além disto desenvolve junto da comunidade a criação de hortas, atividades de partilha de conhecimentos e troca de produtos;

- Pombal em Transição, assume um papel relevante na entrada da Transição em Portugal, criando em janeiro de 2009, por Vanessa e João, o Projeto Coisas do Vizinho, que consistiu na troca de bens usados, tendo os mesmos atores coorganizado a 1ª Conferência de Transição em Portugal. Hoje o grupo continua a desenvolver projetos de sensibilização no intuito de estabelecer grupos de trabalho de modo a conseguir uma comunidade de comércio local e troca de produtos e a ambição de implementar uma moeda local.

- Aldeia das Amoreias Sustentável, uma comunidade com 200 habitantes onde o objetivo é poder transformar toda uma vila sustentável, fazendo uso da Permacultura e as suas vertentes de design, através da participação e capacitação da comunidade local (TransitionNetwork, 2020).

Também em Portugal, como por todo o mundo, se reflete a preocupação no paradigma de vida que apresentamos no momento, evidenciando a procura por parte de indivíduos em encontrar soluções de natureza sustentável, protetora do ambiente e enriquecedora das relações sociais.

Ao apresentar uma localização geográfica periférica em relação ao centro da Europa na qual os produtos externos manifestam valores acrescentados altíssimos, e considerando ainda a dependência energética, Portugal torna-se um país onde pensar a Transição pode ser uma das soluções que melhor salvaguardará os interesses de toda a sua população, agindo localmente.

1.4. Transição: um conceito de Inovação Social

O conceito de Inovação Social assume diferentes significados ao longo do tempo, contudo a sua definição base tem vindo a prevalecer sempre a mesma, consistindo na procura de novas soluções em resposta às diferentes necessidades sociais, criando uma maior procura em projetos inovadores para o desenvolvimento da sociedade e da sua economia (Glossário Inovação Social, Universidade de Aveiro, Câmara Municipal S. João da Madeira, 2014). A criatividade surge como elemento chave a desafiar o que até então estava como definido, no que entendemos ser o suporte do bom funcionamento de uma sociedade, não satisfeita pelo mercado e pelo Estado (Socioeco, 2003).

Os atores intervenientes na Inovação Social podem ser entidades de carácter privado ou institucional, bem como organizações com e sem fins lucrativos, associações e até mesmo o

próprio indivíduo, em que é a vontade de procurar fazer diferente que vai influenciar a interação de cada um deles.

É neste sentido de cooperação social, nas suas diferentes formas, que a Transição se enquadra no conceito de Inovação Social. Ou seja, a transição procura formas de fazer diferente atendendo às necessidades de uma comunidade, tendo, por isso, como base a cooperação entre indivíduos, a formação de grupos de trabalho, as diferentes iniciativas, o estabelecer redes de contato, a partilha de informação, aumentando assim a inclusão e o desapego energético (TransitionNetwork, 2020).

A Inovação Social e a Transição partilham os mesmos interesses como cidadania ativa, cocriação, coesão social, comunidade criativa, crescimento inteligente, rede de conhecimento, valor partilhado, crescimento sustentável, desenvolvimento sustentável, economia social, entre outros. Uma outra forma de verificar o quanto estes dois conceitos são semelhantes é através dos financiamentos que podem ser concedidos para projetos de Inovação Social provenientes do movimento de Transição.

Com estas características a Transição, atuando localmente, é um importante fator para a Inovação Social.

No longo prazo, e se ela for desenvolvida por movimentos sociais suficientemente poderosos, a inovação social, dado o seu questionamento sobre os modos de ação, pela implementação de estratégias diversificadas, e pela autonomia das pessoas, pode chegar a ser uma fonte de transformação social e uma impulsora da mudança (Socioeco, 2003).

A Inovação Social e a Transição são como duas ramificações do mesmo conceito, dois significados, uma vez que a base dos dois conceitos assenta na transformação social através da criatividade e do pensamento alternativo em busca de soluções diferentes aos problemas atuais. Atente-se que um projeto de Inovação Social pode ter em conta apenas os benefícios do próprio projeto, por exemplo: um projeto de ordem organizacional no qual uma empresa pode obter um benefício lucrativo superior relativamente a anos anteriores. Por outro lado, uma iniciativa de Transição que procura que a sua implementação consegue trazer benefícios para toda a comunidade, tais como a criação de hortas comunitárias que incentiva o cultivo de culturas biológicas e ainda as trocas entre os produtores e os demais.

1.5. Transição como estratégia alternativa virada para o novo conceito de “decrecimento”

O movimento de Transição defende, em grande medida, uma noção de decrecimento inspirada na análise crítica do Desenvolvimento, na forma como ele acontece e transforma a sociedade. Na obra *Uma Sociologia do Desenvolvimento* (2017), Fernando Bessa Ribeiro procura explicar como o avanço do Desenvolvimento moldou a sociedade, positiva e negativamente, bem como estudar o fracasso na implementação do Desenvolvimento Sustentável e as alternativas a este, nomeadamente, o Decremento. O autor recorre, por isso, a nomes como A. Giddens (2000), S. Mill, Karl Marx (1867), F. Engels (1873), Carson (1962), James O’Connor, Karl Polanyi, B. S. Santos, Caparrós, Dumonte Rosier, Davis, Harvey, Beck, Sen, Max Weber, Zygmunt Bauman (2010) e Latouch (2009).

Entende-se assim que o Desenvolvimento, associado ao Capitalismo, tem o seu início na Revolução Industrial, durante a segunda metade do século XVIII em Inglaterra. Desde então,

este processo consegue transformar toda a sociedade através dos avanços tecnológicos que promoveram a otimização dos produtos, dos diversos sectores do mercado, serviços e qualidade de vida, constituindo-se responsável pelo estilo de vida atual da Humanidade. Contudo, este modelo de Desenvolvimento assenta nos ideais do Capitalismo, nos quais a procura do lucro a todo o custo contribui para o incremento de problemas sociais e ambientais.

Aos velhos e persistentes problemas da pobreza e das desigualdades, juntam-se com especial acuidade os ecológicos que, interagindo com aqueles, colocam desafios crescentes aos governos e instituições internacionais. A produção de danos, longe de ser algo recente e decorrente, por exemplo, da exploração mineira e das atividades industriais, pode recuar até ao surgimento da agricultura e às primeiras grandes civilizações e ao que Giddens refere como “destruição progressiva do meio ambiente físico” (2000d, p.74). Segundo Ribeiro (2017), “hoje, esta destruição conhece uma outra dimensão, radicalmente mais profunda e intensa, sendo admissível que tenhamos mesmo alterado a própria história climática do planeta” (p.116).

As cidades surgem como novo modelo organizacional da sociedade, em que os indivíduos lutam por melhores condições de vida, através dos empregos conseguidos na indústria. Contudo o aglomerado populacional provoca também a precariedade e más condições de vida, além do aumento das desigualdades sociais e pobreza, “A cidade é, pois, espaço de lutas sociais e políticas no qual a todo o tempo se jogam questões como a justiça social, a democracia e a sustentabilidade ambiental” (Ribeiro, J. B., 2017, p.119), sendo a cidade, atualmente, marcada pela favelização, exclusão social, marginalização e insegurança, além de que os indivíduos nela inscritos quebram o elo que têm com o meio ambiente.

Neste sentido, o progresso de Desenvolvimento Capitalista é marcado por fortes lutas dos trabalhadores na reivindicação dos seus direitos sociais e laborais, bem como o agravamento da degradação do meio ambiente. Esta degradação tem início antes da Revolução Industrial e os exemplos passam pela exploração mineira e as atividades industriais, podendo mesmo recuar ao surgimento da agricultura e às primeiras grandes civilizações (Ribeiro, J. B., 2017, p.115), sendo que é a partir da Revolução Industrial que é lançado o verdadeiro ultimato ao meio ambiente, esquecendo por completo a necessidade e dependência que temos dele.

Os factos lembram-nos a cada passo que não reinamos sobre a natureza como conquistadores sobre um povo estrangeiro submetido, como alguém que estaria para além da natureza, mas que lhe pertencemos com a nossa carne, o nosso sangue, o nosso cérebro (Engels, 1873, p.183, citado em Ribeiro, J. B., 2017, p.117).

Deste modo, tem início uma nova crise: a crise sócio-ambiental, que perdura até aos dias de hoje. Ribeiro enuncia autores como Karl Marx, Carson e Papa Francisco como exímios denunciadores dos males provocados pelo Desenvolvimento Capitalista, sendo que a questão ambiental sempre foi ignorada pela sociedade. Só em meados da segunda metade do século XX, praticamente dois séculos mais tarde após a Revolução Industrial, é que a questão ambiental começa a ter a sua devida atenção, sendo a obra *Silent Spring*, elaborada por Carson (1962) citado em Ribeiro, J. B. (2017, p.117), uma das responsáveis por trazer para o debate político e social as preocupações com o meio ambiente.

Isto dá início a uma procura de um novo modelo social de carácter global. Este modelo será intitulado de Desenvolvimento Sustentável, conceito usado pela primeira vez no Relatório de

Brundtland, em 1987, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Agência Portuguesa do Ambiente, 2020). O Desenvolvimento Sustentável, mesmo antes de o ser, já era pensado desde os anos 70, época em que o desenvolvimento tradicional começa a ser alvo de críticas e reflexões por parte de intelectuais. Este modelo sustentável é, desde logo, pensado à escala mundial, uma vez que o capitalismo rapidamente se espalhou pelo mundo inteiro e, com ele, as suas consequências a nível global e só assim se poderia pensar o Desenvolvimento Sustentável.

É principalmente através das conferências das Nações Unidas que se procura a implementação de medidas que coloquem um retrocesso ao Desenvolvimento, havendo como exemplo a Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente, em 1972, na qual foi formado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Ribeiro, J. B., 2017, p.121), que apresenta a Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano. Esta visa essencialmente a “importância crucial dos ecossistemas para o bem-estar humano e a defesa da precaução e da preservação dos recursos como princípios fundamentais da ação humana” (Ribeiro, J. B., 2017, p.122). Atente-se também no Seminário Padrões de Utilização dos Recursos, o Meio Ambiente e as Estratégias para o Desenvolvimento, realizado em Cocoyoc, México, em 1974, e no qual se refere que a “incapacidade da sociedade para proporcionar uma vida feliz e segura à generalidade dos seres humanos não é consequência da falta de recursos materiais, mas sim resultado do modo como a economia e a sociedade se organizam”, no qual o desenvolvimento do ser humano deve prevalecer sobre o desenvolvimento das coisas. Este seminário lança ainda a forte crítica ao Capitalismo, acusando-o de funcionar em favorecimento dos mais ricos e em detrimento dos mais pobres (Ribeiro, J. B., 2017, p.122).

Enumera-se também a Comissão de Brundtland, em 1983, onde foi concebido o relatório Nosso Futuro Comum; a Cimeira da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992; a Cúpula da Terra+5, em 1997; o Protocolo de Quioto, Japão, em 1997; a Cimeira de Joanesburgo, em 2002 e a Cimeira Rio+20, em 2012. Todos estes eventos têm como característica comum a denúncia dos males causados pelo Desenvolvimento e a apresentação evolutiva de novas medidas. A Carta da Terra, segundo Ribeiro (2017), apresentada em Haia, Holanda, em 2000, e apoiada por mais de 6000 entidades, governamentais e internacionais, é o documento que melhor consegue promover a relação entre democracia e paz, ecologia e justiça social evidenciando uma visão radical da sustentabilidade, devido à sua construção política não governamental.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável consegue assim, num reduzido espaço de tempo, ser um fator a levar em consideração nas decisões, governamentais ou privadas, que interagem com a vida social e o meio ambiente. Este movimento é fortemente fundamentado e inclui as medidas a seguir para alcançar o objetivo, fazendo com que os indivíduos se identifiquem com a sua causa ambiental, alterando por completo os seus hábitos de alimentação, vestuário, locomoção, dependência de energias fósseis, entre outros. Na atualidade, é relevante o número de organizações e grupos sociais que lutam pela preservação do meio ambiente, pela harmonia entre o ser humano e o mundo natural ao qual ele pertence, sendo o movimento de Transição, em boa medida, um exemplo dessas iniciativas.

Contudo, no olhar crítico do autor, o Desenvolvimento Sustentável, com todas as suas medidas de implementação, de protocolos assinados, de todos os compromissos assumidos não foi capaz de alterar o desenvolvimento capitalista, uma vez que “não só funciona muitas

vezes como recurso retórico dos políticos (Spindler, 2013), como foi capturado pelas grandes empresas multinacionais (Latouche, 2009a), logo subordinado a lógicas mercantis” (Ribeiro, J. B., 2017, p.127). Um exemplo relevante é a política da Responsabilidade Ambiental, designada pelo Decreto-Lei n.º 147/2008, de 29 de julho (Diploma da Responsabilidade Ambiental), alterado pelos Decretos-Lei n.os 245/2009, de 22 de setembro, 29-A/2011, de 1 de março, 60/2012, de 14 de março, e 13/2016, de 9 de março, no qual se estabelece o regime jurídico da responsabilidade por danos ambientais e transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva 2004/35/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de abril, que aprovou, com base no princípio do poluidor-pagador, o regime relativo à responsabilidade ambiental aplicável à prevenção e reparação dos danos ambientais, com as alterações que lhe foram introduzidas pelas Diretivas 2006/21/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, relativas à gestão dos resíduos de indústrias extrativas (Jornal Oficial da União Europeia, 2006), 2009/31/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de abril, relativa ao armazenamento geológico de dióxido de carbono (Jornal Oficial da União Europeia, 2009), e 2013/30/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de junho, relativa à segurança das operações offshore de petróleo e gás. (Jornal Oficial da União Europeia, 2013).

É neste contexto que o Decrescimento procura ir mais além do que foi a tentativa, fracassada, do Desenvolvimento Sustentável encontrar soluções para alterar o modelo de sociedade capitalista,

Ou seja, não sendo o desenvolvimento sustentável capaz de superar os problemas fundamentais provocados pelo capitalismo, há um outro debate teórico e político que tem por base uma rutura radical com o produtivismo, a competição e o crescimento: é o debate em torno do decrescimento, a bem dizer tão velho como as próprias teses do desenvolvimento sustentável. O decrescimento vai muito para lá das questões ambientais, implicando as suas propostas alterações nos modos de vida dos cidadãos, na cultura e na política; quer dizer, exige a construção de uma sociedade radicalmente diferente e livre das peias do produtivismo e do consumismo – “o compro, logo existo” de Bauman (2007) –, desde há muito criticados por, entre outros, Illich (1973) e Gorz (1997). (Ribeiro, J. B., 2017, p.127)

Como acontece com a apresentação de medidas a implementar para o Desenvolvimento Sustentável, também no Decrescimento são propostas medidas e alterações no comportamento humano de forma a travar o modelo de Desenvolvimento a que está sujeita a humanidade. No entanto, segundo o autor, estas medidas não são apresentadas por organizações governamentais, mas sim por intelectuais, que de uma forma ou de outra seguem a mesma linha de pensamento, a necessidade de uma transformação radical na sociedade. Aqui, o autor menciona nomes como Latouche (2009a), que apresenta as medidas dos oito “R”, sendo os principais a considerar Reavaliar, Relocalizar e Reduzir; Ramonet (2000, pp. 6-7), que defende que se deve “atribuir a cada cidadão um rendimento mínimo, desde o nascimento e sem conexão com a sua condição familiar ou profissional. [...] Trata-se de substituir o princípio de um rendimento para existir pelo princípio do rendimento porque se existe” (Ribeiro, J. B., 2017, p.136); Veblen (1970), que afirma que os países em desenvolvimento, como em África, devem “romper com a dependência económica e ideológica em relação aos países centrais, procurando soluções locais e regionais, nomeadamente no domínio agrícola e industrial, que contribuam para a relocalização das atividades económicas e o incremento da autonomia em relação aos países centrais, tendo

como objetivo concretizar uma vida melhor para todos”, também descrito por Frei Betto em relação aos países da América Latina porque estes “não conseguem fugir da equação que associa qualidade de vida e crescimento económico segundo a lógica do capital. Enquanto não socializa culturalmente a proposta indígena do bem viver, para a grande maioria viver bem será sempre sinónimo de viver melhor em termos materiais (Betto, 2014, p.13, citado em Ribeiro, J. B., 2017, p.137).

É neste contexto que o movimento de Transição surge como uma forma de Decrescimento, onde é nos seus princípios fundamentais que se entendem formas de decrescimento, como a partilha do conhecimento adquirido, em contraste com o conceito de concorrência que alimenta o capitalismo; a promoção da inclusão e a justiça social de forma a travar o individualismo e as desigualdades sociais; tratar localmente as necessidades da comunidade dando origem a uma economia sustentável; a redução da dependência energética dos combustíveis fósseis utilizando de forma sensata os recursos existentes; a prática de uma agricultura saudável; a capacidade de fazermos nós mesmos, como exemplo a Permacultura, entre outros. (TransitionNetwork, 2016). A Transição procura também, em todo o momento, orientar novamente o ser humano para a Natureza, enaltecendo os valores antigos esquecidos. O meio urbano é o palco desta orientação, onde iniciativas conseguem, de facto, criar verdadeiros “oásis” naturais nos centros citadinos. Uma outra área promovida pela Transição é a cultura, através da prática da celebração dos feitos conseguidos, da valorização do grupo e das capacidades individuais, fortalecendo com isso ainda mais as relações humanas.

Contudo, ao apresentarem soluções para a transformação de uma sociedade melhor, mais segura, respeitadora do meio ambiente, mais coesa, de inclusão e criação de emprego, de valorização pessoal, com menos carga horária, a Transição e o Decrescimento vão contra ao que já existe e, por isso, facilmente assumem um carácter utópico, uma vez que temas como a paz, a irradicação da fome e da pobreza se aparentam como problemas que nunca encontrarão um fim. É, no entanto, notório que este modelo de sociedade continue a prevalecer, mesmo face a todas as críticas ao desenvolvimento capitalista que apresentam fundamentos sólidos sobre como se trata de um sistema destruidor da humanidade e do meio ambiente por se focar apenas no aumento do lucro e das riquezas dos mais ricos relegando a condição de vida dos mais pobres para último plano, no qual a sociedade é regida em torno do consumismo e o ser humano não passa de um produto vendível. Por outro lado, é de igual forma notório o sentido que fazem as propostas e medidas de implementação ao Decrescimento, bem como os exemplos crescentes das iniciativas de Transição que, ao transformar uma comunidade, localmente, aliada a redes de contacto que se estabelecem, uma humanidade estagnada pode realmente mudar. Até porque o aumento das iniciativas que procuram transformar a sociedade são claramente um indicativo de que cada vez mais a sociedade busca e entende que só com uma transformação/irradicação do estilo de vida atual, capitalista, fazendo da utopia já uma realidade para que a humanidade consiga prevalecer no planeta como um ser pertencente à Natureza que o rodeia e faz parte é que será possível ter um futuro sustentável.

Todas estas formas de tentativas organizacionais da sociedade demonstram que ela própria se encontra em constantes estados de processos evolutivos sendo necessário a procura de sempre encontrar as melhores formas de acompanhar esta evolução social. A forma organizacional do Capitalismo, é sem dúvida a forma que mais impulsionou a evolução humana para as condições em que hoje vivemos, a nível de saúde, economia, comunicação e lazer. Contudo o

Capitalismo encontra a sua missão em torno de um lucro obtido pela destruição do ambiente, por uma concorrência que a todo o momento introduz produtos novos no mercado de modo a que o consumismo excessivo prevaleça, tornando o próprio ser humano “escravo” da sua constante alimentação.

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. [...] Hoje, quase um século depois de Rosa Luxemburgo ter divulgado sua intuição, sabemos que a força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que busca e descobre novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam escassas ou se extinguem. E também no oportunismo e na rapidez, dignos de um vírus, com que se adapta às idiossincrasias de seus novos pastos. (Bauman, Z., 2010)

Com isto, tendem a surgir novas formas organizacionais capazes de simultaneamente conseguir garantir a evolução tecnológica, que permite as condições em que hoje vivemos, e a evolução humana no que diz respeito ao ser social e em harmonia com o meio ambiente, por exemplo, o Desenvolvimento Sustentável, o Decrescimento e a Transição. Estas outras formas organizacionais demonstram a vontade de núcleos sociais acreditarem e promoverem a mudança social, que existem outras formas de garantir a sobrevivência da Humanidade, a preocupação da necessidade de substituir um regime Capitalista que está a degradar o ambiente a um ritmo desenfreado e que cada vez mais aumenta as diferenças sociais.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA ÁREA DO MUNICÍPIO DE VIZELA

A escolha do concelho de Vizela surge por afinidade territorial como também por ser um território onde o conceito de Transição ainda não foi apresentado, em que pelas características do concelho, sociais e ambientais, este apresenta condições favoráveis à sua implementação, sendo uma das suas características o seu reduzido espaço territorial e população em comparação a outros concelhos do país. Assim, é pretendido fazer dele um projeto piloto com o intuito de conseguir demonstrar que a Transição pode alterar o estilo de vida de toda uma comunidade, apresentando-se este como o principal objetivo deste projeto.

2.1. Características Físicas e Sociais do Concelho de Vizela

A Transição é um movimento capaz de ser implementado em qualquer local e tipo de sociedade, em que a forma de ação vai estar diretamente ligada às características que cada comunidade tem em relação ao local onde está inserida. Ao longo do tempo a população de um dado local adapta-se e adquire estratégias de fixação capazes de moldar o seu estilo de vida e a sua cultura, em relação às características físicas que o local onde se encontra oferece. O movimento de Transição surge como uma ferramenta para uma melhor adaptação às práticas de vivência, no intuito de melhorar a sustentabilidade ente o Homem e a Natureza, em que a Transição está sujeita a constantes mudanças no seu modo de intervir, tendo sempre em consideração os seus princípios, que são os alicerces do movimento de Transição (TransitionNetwork, 2016).

O concelho de Vizela é colocado, neste trabalho, como objeto de estudo na possibilidade da

implementação do movimento de Transição na sua comunidade, em que se procura avaliar até que ponto o movimento poderá receber uma boa aceitação por parte da população local na tentativa de conseguir o maior número de cidadãos ativos no movimento, em que o termo “ativos” não quer obrigatoriamente dizer participativos no movimento no que diz respeito á elaboração de iniciativas ou tornar-se parte integrante de um grupo de trabalhos, mas sim que é ativo na prática da Transição. Neste sentido procura-se identificar as características físicas do concelho de Vizela, enquadrado, também, no vale do Ave, bem como as características da sua população, no decorrer do tempo, a nível cultural, económico, a sua relação com o meio ambiente, entre outros. A pesquisa para esta identificação de características estende-se a todos os trabalhos possíveis realizados sobre o concelho de Vizela e suas freguesias, estes serão um importante instrumento de trabalho a ter em conta na avaliação da implementação do movimento, uma vez que podem revelar dados positivos, a considerar, e negativos, a evitar. O estudo das características da população vizelense mostra-se essencial, para que, a implementação da Transição possa acontecer da forma mais natural possível, em que a população se sinta até familiarizada com o conceito e a necessidade da sua implementação. Na atualidade o concelho de Vizela, além de estar inserido na sua totalidade num vale próprio, faz parte do vale do Ave, pertencente à N.U.T.S. II do Norte, em particular à N.U.T.S. III do Ave. O seu território estende-se por uma área de 24,7 km² (Monteiro, J., 2019). Fazem parte da sua constituição cinco freguesias, a União de freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João), Vizela (Santo Adrião), Infias, Santa Eulália e a União de freguesias de S. Paio e Tagilde, estando a sede de concelho situada na União de freguesias de Caldas de Vizela (Fonseca, 2014).

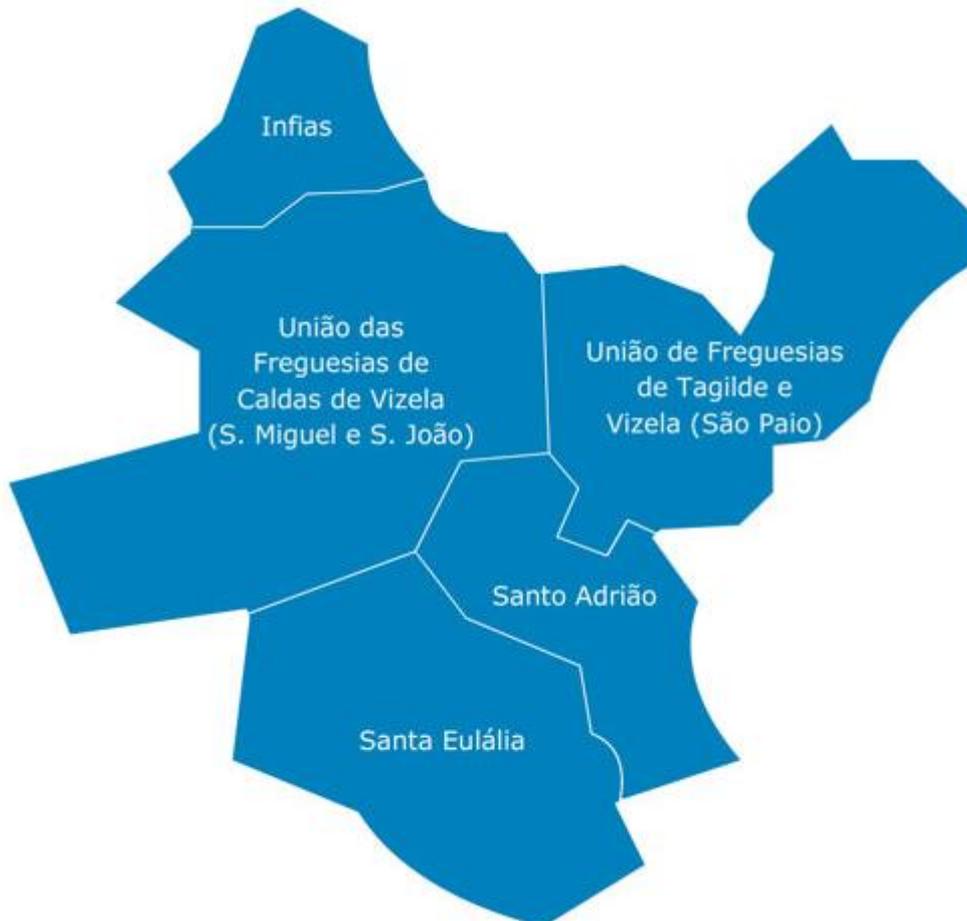


Figura 1. Mapa do Concelho de Vizela, identificando suas freguesias
Fonte: site da Câmara Municipal de Vizela

O vale do concelho de Vizela é marcado geologicamente pelas serras de Santa Catarina a Norte, que faz a separação natural entre o concelho de Vizela e o concelho de Guimarães, a serra do Calvelo a Sul, que divide naturalmente o concelho de Vizela dos concelhos de Lousada e Felgueiras. O monte de São Pedro a Oeste, que serve de fronteira natural entre o concelho de Vizela e o concelho de Santo Tirso (Silva, 2013), tem também a designação de Castro, que juntamente com o Castro de Vizela (Santo Adrião), também conhecido como Monte da Senhora da Tocha, o Castro de Infias, conhecido como Monte de Lujó, e o Cristelo de Santa Comba de Regilde, freguesia fronteira de Vizela (Santo Adrião), são também formas geológicas relevantes pertencentes ao concelho de Vizela (Silva, 2013).

O rio Vizela é um outro ator natural de elevada importância no concelho de Vizela, em que é dinamizador de inúmeras atividades económicas e de lazer. O rio tem o seu início no concelho de Fafe na serra de Cabeceiras, e surge no concelho de Vizela vindo de Este e atua como uma barreira natural entre os concelhos de Vizela e de Felgueiras. Assume também a classificação de principal afluente do rio Ave, onde desagua as suas águas na margem esquerda do rio Ave em Caniços, local pertencente ao concelho de Santo Tirso (Silva, 2013). Um outro ator natural de importante relevância, juntamente com o rio Vizela, é o clima que se faz sentir na região do vale de Vizela, bem como em todo o vale do Ave. Registam-se temperaturas anuais amenas, com pequenas amplitudes térmicas de acordo com cada estação do ano, e forte pluviosidade térmica. Este tipo de clima deve-se ao concelho de Vizela estar inserido “numa região com afinidades mediterrâneas, mas com forte influência atlântica” (Monteiro, J., 2019). Estes dois atores naturais, juntamente com as características do solo, onde predominam as rochas graníticas, sedimentares e xistosas, são determinantes na qualidade dos solos, a nível de fertilidade, como da vegetação, florestas e vida animal existente em todo o concelho. A nível paisagístico o concelho assume características próprias e peculiares.

O concelho de Vizela apresenta uma paisagem difusa, em que é visível a mistura, não homogénea, entre o meio urbano e o meio rural, existindo manchas florestais significativas, bem como áreas agrícolas bem pronunciadas. Contudo é um concelho em que é perceptível, cada vez mais, a interrelação urbano-rural, existindo locais em que esta relação está tão bem disseminada que já não é possível diferenciar os dois conceitos (Alves, 2014).

A região do vale de Vizela vem sendo marcada pela prática agrícola desde os primórdios da sua ocupação territorial, aplicada sempre a uma forma de agricultura familiar. Esta forma de agricultura vem mais tarde aliar-se a novas formas de otimização dos recursos naturais, mais propriamente o rio Vizela, em que “Esta proximidade fez despontar o aparecimento de novos mecanismos e engenhos sobre o rio. Foram construídos açudes, comportas, mós e moinhos de cereais, azenhas, engenhos de azeite e de linho.” (Alves, 2014). É este avanço tecnológico, ainda que de forma artesanal, que vai ser a ponte “à implementação do têxtil e do algodão a partir do século XIX.” (Alves, 2014).

Tendo já uma identidade formada, sobretudo, pela exploração das “águas sulfurosas com particularidades terapêuticas das Caldas de Vizela”, que a Companhia de Banhos de Vizela

iniciou em 1873, em que “com a chegada do comboio, em 1883” (Alves, 2014), vai conseguir tirar ainda maior partido dessa exploração, é a partir dos anos 50 do século XX que a região do vale de Vizela, juntamente com a região do vale do Ave, através da influência da industrialização têxtil, vem adquirir “uma certa individualidade e identidade socioeconómica e cultural” (Alves, 2014), chamando a si uma atenção, das suas reais potencialidades, que até á data passaram despercebidas.

A industrialização têxtil vem alterar, com a sua atividade, todo o mosaico desta região, do vale de Vizela e do vale do Ave. Como já referido, assiste-se a:

“uma paisagem difusa, [...] onde a dispersão é a nota dominante [...] na sequência de um modelo [...] explicável pelas vicissitudes de uma indústria que surgiu na continuidade de um artesanato disseminado pelas explorações agrícolas. O crescimento urbano disseminou-se pelos territórios rurais, acabando por destruir a tradicional dicotomia urbano-rural que perdurou durante séculos e absorveu a paisagem de forma descontrolada. Assim, a cidade deixou de se conter em si mesma, adquirindo uma forma dificilmente delimitada. O urbano e o rural opunham-se do ponto de vista morfológico, mas, simultaneamente, apresentavam uma importante complementaridade funcional.” (Alves, 2014)

Este avanço económico, no vale de Vizela, é um forte indicativo de como “As atividades económicas, assim como a geração do crescimento económico deste território manteve, desde sempre uma estreita dependência dos recursos naturais, quer pelo usufruto das águas termais das Caldas de Vizela, quer pela forte industrialização contígua aos principais cursos de água, tirando partido da força motriz e da irrigação subjacentes à água.” (Alves, 2014).

Um outro fator influenciado diretamente pela industrialização têxtil foi o aumento da população que “se justifica pelo aumento da taxa de natalidade e pela forte mobilidade interna, conseqüente do importante surto industrial, que faz Vizela tornar-se num núcleo polarizador, decorrente da bacia de emprego que se gerou pela multiplicação de unidades fabris que aí iam surgindo.” (Alves, 2014).

Na atualidade, pelos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, de 2011, o concelho de Vizela continha 23736 habitantes, com uma variação positiva de 18,6%, entre 1991 e 2011, e com, uma densidade populacional de 961 hab/km² (Fonseca, 2014).

É em torno de todo o historial sociocultural e socioeconómico que Vizela vem reclamar a si uma identidade própria, no sentido de, uma vez mais, se tornar concelho, facto que se vem a realizar a 19 de março de 1998. Desde a segunda atribuição do título de concelho até á atualidade, o concelho de Vizela apresenta inúmeras associações, o que demonstra a capacidade de união dos indivíduos em abraçar novas causas, que a todos pode ser benéfico.

De um modo geral, podemos concluir que a identidade do povo vizelense, a nível das atividades económicas, caracteriza-se pelo forte relacionamento com a agricultura, onde a agricultura familiar e de subsistência, associadas entre si abastecem mercados e comércio de rua, através da exploração do meio natural envolvente. De igual modo acontece com a exploração das águas sulfurosas que alimentam a indústria hoteleira/turística. A indústria têxtil, de vestuário, têxtil lar e do calçado, foi também um grande impulsionador económico na região, alterando toda a sua economia e estilo de vida.

A nível cultural a população do vale de Vizela assume características que advêm desde as primeiras populações, em que existiu a opressão causada pelos inúmeros reinados, e com isso

a constante instabilidade política, assistindo se também a uma “religião monoteísta-trinitária, centralizada e centralizadora, que só se poderia impor e manter pela opressão e pela intolerância” (Silva, 2013). Assim, neste contexto, a agricultura surge em boa medida, além de fator económico, como uma forma de expressão social mantendo até hoje “um papel na preservação de tradições milenares: festividades, cânticos, danças e dietas tradicionais.” (Oliveira, 2019). Outras festividades estão relacionadas com a religião, em que ao longo de todo o ano todas as freguesias pertencentes ao concelho de Vizela celebram datas importantes de acordo com o calendário cristão. Estas celebrações são também um forte indicador da união das pessoas, uma vez que para a celebração das mesmas todo o trabalho é realizado de forma voluntária por parte da equipa organizadora. A nível concelhio, ocorrem as Festas da Cidade, festas não religiosas, celebradas entre os dias 10 e 14 de agosto, que retêm o maior número participativo de populações, chamando a si gentes de terras vizinhas e nas quais são retratados os tempos antigos e feitas críticas à sociedade civil contemporânea.

A população vizelense assume, também, uma identidade acolhedora aquando a exploração das águas sulfurosas por parte da Companhia de Banhos de Vizela que vem permitir a implementação da hotelaria/turismo na região. Um outro aspeto marcante do povo vizelense é mostrar-se como um povo de luta, resiliente e de ideais, uma vez que sempre defendeu a sua própria identidade, quer a nível cultural como económico e administrativo, evidenciando um conflito aberto e constante com o antigo órgão administrativo ao qual pertencia (Câmara Municipal de Guimarães).

Um outro indicativo que demonstra a união da população vizelense é o facto de todas as freguesias que o constituem se apresentarem como freguesias periféricas em relação ao centro dos antigos órgãos administrativos aos quais pertenciam, onde o desenvolvimento económico e de serviços sempre tardaram em chegar. Assim as pessoas de uma forma ou de outra já se relacionavam, de forma ativa, na procura de interesses mútuos de forma a conseguir melhorar as condições de vida, em que a formação do concelho de Vizela só veio oficializar burocraticamente o que já acontecia á bastante tempo, que era a interação das freguesias entre si que hoje são as que formam o concelho de Vizela.

A nível de despoluição que mais une em relação ao ambiente, em rio Vizela era um espaço de convívio familiares e



Vizella | 1908 | Lavadeiras e crianças tomando banho no rio vizela

ambiental é a do rio Vizela os munícipes meio que outrora o usado como lazer e entre amigos.

Figura 2. Lavadeiras e crianças tomando banhos no rio Vizela (1908).
Fonte: https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgIfg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg

Neste empenho pela despoluição, que se intensificou a partir da chegada do fenómeno da industrialização a Portugal, chegando ao extremo do rio Vizela “Conforme conta a história, [...] com os seus afluentes, já foi considerado o rio mais poluído da Europa. A partilhar este título esteve igualmente o Rio Ave, onde o primeiro desagua. Portanto, no auge da indústria têxtil, estes rios eram usados como uma espécie de esgoto a céu aberto. Em muitas alturas as águas desciam até ao mar com cores exóticas fruto dos tóxicos para lá despejados.” (pplware, 2019. Robô que vigia o rio já apanhou 27 moradores a poluírem o Vizela). Sempre existiram pessoas e entidades empenhadas a demonstrar o seu descontentamento em relação a esta realidade, como exemplo a Associação de Mergulho e Atividades Subaquáticas de Vizela (AMAS) que promoveu várias vezes, junto dos habitantes, a limpeza do rio Vizela (Digital de Vizela, 2016). AMAS volta a limpar Rio Vizela este sábado. DIGITAL DE VIZELA – ddV), como também o atual executivo autárquico, que denunciou que “são diárias as descargas efetuadas por aquele equipamento, “com maior ou menor intensidade”, uma das quais, no último inverno, de “grande dimensão”, que levou a câmara a apresentar uma queixa-crime contra a Águas do Norte.” (Lusa, A. (2019). Câmara de Vizela responsabiliza ministro do Ambiente por poluição do rio. Observador), elevando ainda a responsabilidade ao Ministério do Ambiente.

Todos estes aspetos foram e são determinantes na caracterização da população vizelense, em que demonstra a sua resiliência em relação á sua identidade, mantendo-se abertos a novos conceitos desde que estes sirvam para um melhoramento do estilo de vida que a todos possa beneficiar.

O conjunto de todas estas características são vitais á forma como o movimento de Transição deve atuar, uma vez que estas assinalam fatores económicos, socioculturais e sócio-ambientais da população, podendo assim ser elaborado um projeto equilibrado e coeso que consiga ir de encontro às necessidades da população, assim como conseguir alinhar-se a projetos já existentes procurando deste modo soluções para os problemas mais graves.

2.2. O município de Vizela apresenta potencialidades para a implementação da Transição

Ao tentar se encontrar um local ideal para a implementação da Transição deparámo-nos com a necessidade de ter em conta as potencialidades de um determinado território. De um modo geral, o local mais indicado para realizar sessões de esclarecimento, apresentação de filmes, debates, será um local mais centralizado, neste caso situado na cidade de Vizela. Todos os outros locais serão escolhidos de acordo com a estratégia a usar nas iniciativas para um dado local. Por exemplo, a Vila de Santa Eulália é mais propício a vendas de rua, agricultura, etc.; a

freguesia de Santo Adrião está mais voltada para o turismo, a gastronomia, alojamento, etc. Nesse sentido, ao existirem vários locais com iniciativas diferentes poderá acontecer a Transição disseminada por todo o território podendo envolver um maior numero de pessoas, devido às diferentes temáticas, tocando grupos de específicos em cada local e com isso estar mais próximo da zona de habitação de cada individuo. Sendo o concelho de Vizela um território de pequenas dimensões facilmente por todo o concelho o movimento de Transição poderá ser implementado e observado ao mesmo tempo, podendo assim obter uma resposta mais rápida no sentido de perceber a aceitação da população ao movimento.

3. ENQUADRAMENTO ECONÓMICO

O concelho de Vizela economicamente pode ser caracterizado em dois diferentes níveis, de acordo com as diferentes áreas económicas atuar no momento. Um primeiro nível será a área do Turismo, que é sem dúvida a que mais realça o nome do Concelho de Vizela além-fronteiras, que aliado há Hotelaria e há Restauração, são os agentes que mais dinamizam e promovem a vinda de cidadãos, nacionais e internacionais, ao concelho de Vizela. Este primeiro nível pode não ser o que mais favorece economicamente o concelho de Vizela, uma vez que é praticado essencialmente por visitantes existindo sempre o risco da expectativa das visitas ser inferior à esperada. Um segundo nível, e este sim praticado por todos os habitantes do concelho, serão todas as outras formas de economia existentes, desde os serviços como o centro de saúde, as oficinas mecânicas de veículos, clínicas de saúde pública, clínicas veterinárias, correios, ginásios, cabeleireiros, piscinas; os locais de vendas como hipermercados, lojas de rua, papelarias, drogeries, talhos, bombas de combustível, o mercado municipal, associado á prática da agricultura presente no concelho por produtores e outros pequenos produtores associados á agricultura familiar; e a indústria, em boa medida, em torno da indústria têxtil e do calçado. Assim com a economia praticada em todo o concelho de Vizela, por todos os seus habitantes, esta consegue satisfazer todas as necessidades dos seus habitantes por completo, em que consegue salvaguardar a todos os níveis essas mesmas necessidades.

É, de facto, notório que, através da rede de serviços que o concelho de Vizela apresenta, consegue também satisfazer até as necessidades de milhares de habitantes de outros concelhos vizinhos, como Guimarães, Felgueiras e Santo Tirso, em que “Vizela, por questões de proximidade, serve, ainda, mais freguesias de outros concelhos, que utilizam vários dos seus serviços, designadamente serviço de finanças, serviço de segurança social, notário, conservatória, correios, centro de saúde, entre outros, o que significa que, diretamente, e por estas freguesias se encontrarem mais próximas do centro de Vizela do que do centro das respetivas sedes de concelho, Vizela serve, ainda, mais 23.048, perfazendo, assim, um total de 47.048 habitantes diretamente servidos pelo concelho de Vizela” (Fernandes, A. (2019). Presidente da Câmara reúne amanhã com grupos parlamentares).

Contudo a economia praticada no concelho de Vizela segue a linha de pensamento da economia mundial, num ideal capitalista, servindo o lucro a qualquer custo e uma concorrência desenfreada, em que um dos intuitos deste projeto é conseguir implementar a Transição ao mais baixo custo possível, uma vez tratar-se também de um movimento alternativo ao sistema económico existente, onde o objeto de estudo passa também por avaliar

até que ponto pode uma sociedade ser transformada e transformadora a custo zero ou quase nulo.

Neste projeto não será possível a tentativa de criação de um mercado local, como irá ser mencionado nos objetivos, uma vez que, para tal, é necessária uma rede social muito bem definida e organizada, e para esse efeito será necessário um período de tempo que só pode ser quantificado de acordo com o avanço do movimento em si, juntamente com a forte solidificação das relações interpessoais. No entanto será um dos objetivos a ser traçado nas iniciativas do movimento, em que a criação de um mercado local, através do associativismo, irá exercer um confronto direto ao capitalismo agora praticado.

3.1. Diagnóstico BOS (Blue Ocean Strategy)

O Diagnóstico BOS (Blue Ocean Strategy) surge como uma forma inovadora de pensar o planeamento estratégico, difundida através da publicação “A Estratégia do Oceano Azul: Como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante”, de Kim e Mauborgne (2005). Com base neste conceito de estratégia o presente projeto procura fazer frente a qualquer tipo de concorrência existente, podendo até ser um forte fator ao encerramento de alguns estabelecimentos, uma vez que a forma de não existirem custos através da tentativa de implementação da troca direta de serviços e bens dentro da rede de contatos. Contudo o possível encerramento de estabelecimentos pode ser um maior incentivo ao associativismo comercial, que por sua vez diminui também a concorrência de forma direta. Com isto o Diagnóstico BOS atua como um fator para um Decrescimento sustentável.

O conhecimento do tipo de economia presente no concelho de Vizela é uma mais valia para pensar novas formas de economia a implementar dentro do concelho de maneira a conseguir uma economia circular e sustentável que possa favorecer o nível de vida de toda a população.

4. ENQUADRAMENTO ECOLÓGICO

A Transição vem promover a sustentabilidade ambiental, o que também está estabelecido como um dos seus pilares, na medida em que pelas iniciativas até hoje criadas, todas elas apresentam um papel importante no combate à poluição, a todos os seus níveis, ao decrescimento, evitando ao máximo a produção excessiva em todos os sectores produtivos, ao capitalismo, exercendo praticas de mudança nos hábitos atuais de obtenção de serviços e produtos, à forma stressante que vivemos, diminuindo os ritmos do nosso quotidiano. Todos estes fatores em conjunto promovem uma qualidade de vida melhor através da alimentação, saúde e bem-estar, do aumento do tempo de qualidade com a família e da vida social. Desta forma todos estes fatores acabam por estar diretamente interrelacionados com a natureza que nos envolve e á qual somos pertencentes (Engels, 1978, p. 183), uma vez que nunca iremos ter qualidade de vida sem um ambiente cuidado, despoluído e integrante no seio da comunidade.

É neste último pensamento que o concelho de Vizela, ao conter manchas florestais e ser atravessado pelo rio Vizela apresenta características únicas que em boa medida podem ser promotoras de iniciativas para a Transição, podendo enquadrar iniciativas de caráter económico, lazer e bem estar, e turístico e ambiental.

5. METODOLOGIA

Este projeto terá como base a metodologia qualitativa, em que pelos métodos a serem aplicados é pretendido adquirir o conhecimento qualitativo das formas organizacionais presentes no concelho de Vizela no sentido de encontrar soluções alternativas às já existentes, com o intuito de toda a população beneficiar das soluções encontradas. Os métodos escolhidos para a recolha de dados serão através da aplicação de entrevistas exploratórias junto das associações já existentes no concelho e posteriormente a elaboração de um questionário a ser distribuído por todo o concelho. Em relação ao tipo de metodologias escolhidas de modo a conseguir definir medidas e estas serem implementadas este projeto recorrerá às metodologias de investigação-ação, brainstorming e à análise SWOT, em que:

- Entrevistas exploratórias: será realizada a elaboração de entrevistas exploratórias junto das associações já existentes no concelho, procurando as que de certo modo são as mais emblemáticas para a população, com o intuito de perceber a dinâmica dessas associações com a população, e até que ponto estão dispostas a participar num conceito novo, como a Transição, e também tentar perceber através do feedback que elas já possuem do conhecimento em relação à participação da comunidade perante as iniciativas que promovem se o novo conceito será alvo de uma participação ativa.

- Questionário: será posteriormente desenvolvido a realização de um questionário a nível municipal com o intuito de perceber até que ponto o conceito da Transição pode funcionar, e/ou os locais dentro do concelho onde melhor pode funcionar e de que forma. A elaboração deste questionário a nível concelhio torna-se assim essencial ao projeto no sentido de tentar apurar, de uma forma simples, o número de indivíduos que estariam dispostos, numa primeira fase, abraçar o movimento da Transição, percebendo também em paralelo qual os melhores locais à sua implementação ou os locais que poderão funcionar ao mesmo tempo com diferentes iniciativas.

- Investigação-ação: esta metodologia estará sempre presente no projeto, desde o início da recolha de dados, à elaboração de iniciativas e posteriormente na sua implementação e na análise de dados obtidos. Isto acontece porque tratando-se de uma investigação-ação este método irá estar em constante renovação, do modo a conseguir corrigir o mais rápido possível lacunas que possam surgir a qualquer momento. Neste tipo de método os indivíduos ao mesmo tempo que decorre a investigação conseguem também implementar diretamente no terreno as soluções que vão encontrando, em que ao praticar a investigação os indivíduos fazem parte da própria ação, sendo dinamizadores da mesma.

- Brainstorming: esta técnica de recolha de informação usada para explorar ideias sobre um determinado tema nas mais diversas áreas e organizações (Patel, N., 2020), pode ser realizada em grupo ou individualmente, em que neste projeto será realizada em grupo, uma vez que promove mais ideias de iniciativas, que rapidamente são debatidas pelo grupo e aperfeiçoadas, como também dinamiza o fortalecimento do grupo e das redes.

- Análise SWOT: esta análise permite-nos elaborar um reconhecimento das forças e fraquezas de uma organização no que diz respeito aos fatores internos e externos (Casarotto, C., 2019). Neste projeto a análise SWOT, ao funcionar como autoavaliação, permitirá redefinir novas estratégias dentro do grupo principal e grupos de trabalhos, de forma a que estes possam sempre permanecer fortes nos ideais e nas relações interpessoais, e na implementação das iniciativas, em que a qualquer momento elas possam ser redirecionadas

para que se consiga cumprir com o objetivo inicialmente traçado.

A escolha do tipo de metodologia vai sempre de encontro ao tipo de trabalho que se pretende realizar. O presente projeto encontra nos métodos metodológicos da entrevista, questionário, investigação-ação, brainstorming e análise SWOT a melhor forma de recolha de dados e de elaborar medidas a serem posteriormente implementadas. Contudo as metodologias apresentadas a qualquer momento poderão sofrer algum tipo de alteração podendo até ser introduzidas outro tipo de métodos, uma vez que, o movimento de Transição está em constante procura de formas que encontrem possíveis soluções às problemáticas existentes.

6. OBJETIVOS DO MOVIMENTO VIZELA EM TRANSIÇÃO

Os objetivos da implementação da Transição em Vizela assumem características exploratórias. O principal objetivo atingir será, numa fase inicial, a tentativa de disseminação por toda a comunidade concelhia do conceito da Transição. Pretende-se que toda a comunidade seja ativa no seu movimento. Seja capaz de transformar e unificar toda uma comunidade num novo paradigma de vida, retomando práticas ecológicas tradicionais, de forma a ser o mais sustentável possível, a nível social e económico, promovendo as relações dialógicas intergeracionais e o respeito pela biodiversidade ambiental.

Para que este principal objetivo seja capaz de ser alcançado, seguem abaixo outros mais específicos:

- Implementação da Transição em Vizela: a implementação da Transição em Vizela surge como uma oportunidade de mais uma comunidade se tornar mais participativa na mudança de paradigma de vida. Como ainda não existe nenhum tipo semelhante de iniciativa em Vizela, esta apresenta um público alargado passível de aderir à proposta da transição.

- Associativismo: o objetivo do associativismo é o de conseguir fazer chegar mais rapidamente o conceito da Transição á comunidade e com isso a adesão de indivíduos para a formação do grupo de Transição. Para este efeito, a colaboração das associações já existentes será essencial. As associações, numa lógica de trabalho em rede e em parceria, poderão alargar o grau de influência do movimento influenciando um círculo maior de indivíduos. Esta colaboração entre as associações pode criar uma rede ativa de contatos, disseminar a resiliência comunitária. O intuito da Transição não é ser mais uma associação entre outras, mas um movimento em rede de associações, na medida em que as próprias associações poderão desenvolver as suas iniciativas autónomas.

- Rede de contactos: a criação de uma rede de contatos terá o intuito de formar uma rede de serviços capaz de estabelecer a melhor relação entre os contatos no sentido de gerar uma economia sustentável que beneficie todos. Ou seja, a partir dos contatos gerados pelas associações será possível apoiar uma economia baseada nos produtos locais e na economia circular. A população terá acesso a produtos mais saudáveis a preços eventualmente mais reduzidos e de maior qualidade. A criação da rede de contatos passa também pelo associativismos comercial, em que se pretende que vários empresários/indivíduos possam ter oportunidades de negócio junto com outros indivíduos de forma a que exista uma economia circular sustentável. Da economia circular também é esperado o combate à produção excessiva de produtos e a procura na preservação do ambiente diminuindo ao máximo o

impacto ambiental e a poluição.

- Educação: através da educação social e ambiental pretende-se alterar mentalidades sobre a vida social e a interação com o meio ambiente criando uma melhor harmonia social e sócio-ambiental. Nesta linha de pensamento, pretende-se chegar a todas as faixas etárias elaborando planos de acordo com cada segmento para que seja mais fácil compreender e aceitar as possíveis mudanças comportamentais.

- Iniciativas: o objetivo das iniciativas é desenvolver a criatividade individual e em grupo. A criatividade surge como que uma ferramenta de trabalho bem como um fator de valorização pessoal e em grupo, na procura de soluções até a data nunca pensadas.

- Tempos de celebração: pretende-se enriquecer as relações sociais pelo trabalho alcançado, onde o celebrar a realização de um objetivo tem o intuito de fortalecer as relações interpessoais e encorajar ao mesmo tempo o traçar de novos objetivos bem como terminar os já delineados.

Os objetivos acima mencionados permitem a concretização global do objetivo principal: implementar a nível concelhio o movimento da Transição, conseguir transformar, em certa medida, uma comunidade no sentido do melhoramento do seu estilo de vida.

7. O PROJETO VIZELA EM TRANSIÇÃO

Neste capítulo é pretendido apresentar os passos a seguir para a elaboração do Projeto Vizela em Transição. De salientar que os procedimentos abaixo indicados baseiam-se em toda a informação recolhida. Seguem os procedimentos mais adequados por ordem cronológica.

1. Formação do grupo de direção.

Escolha de indivíduos de confiança e com experiência que conheçam profundamente o conceito de Transição e mostrem motivação para a sua implementação em Vizela, podendo ser residentes no concelho de Vizela ou nas cercanias (podem ser pessoas que embora trabalhando em outros concelhos tenham ligações e disponibilidade para cooperar com o projeto). A primeira etapa procurará chamar ao movimento de Transição em Vizela os indivíduos que serão a base da construção do movimento. A escolha dos participantes tentará reunir um número razoável de indivíduos que manifestem interesses e competências em diferentes áreas, como a agricultura sustentável, marketing social, ecoturismo, educação ambiental, alimentação saudável, etc.

2. Identificar as características de Vizela e as suas potencialidades.

O concelho de Vizela apresenta uma dimensão territorial pequena quando comparada com a maioria dos restantes concelhos de Portugal, com um número de habitantes a rondar os 24000 indivíduos (Wikipedia, 2021). É um território que permite relações de interconhecimento, fortalecendo a rede social. Apresenta também um rio, o rio Vizela, e manchas florestais, de áreas significativas, que em boa medida são a base de ecossistemas próprios. O aspeto ambiental pode favorecer a implementação da Transição. No concelho existem também associações num número considerável, sinal de uma maior participação dos habitantes nas questões da cidadania. Uma outra característica positiva consiste na prática da agricultura

familiar e de proximidade. Exemplo: o cultivo de hortas familiares, presente por todo o concelho, um fator promotor de ligações em rede.

Este conjunto de características será reforçado com a partilha dos conhecimentos de todos. O conhecimento das características do território onde será implementado o movimento assume um papel fundamental, uma vez que serão essas mesmas características que irão ditar as medidas/iniciativas a realizar/elaborar. O movimento de Transição procurará, também, estar sempre atualizado pelo surgimento de novas características, que demonstrem ter mudanças permanentes no estilo de vida da população do Concelho de Vizela, no sentido de conseguir tirar o melhor partido dessas mesmas alterações introduzindo ou alterando medidas/iniciativas.

3. Brainstorming sobre iniciativas a realizar.

A técnica do brainstorming (tempestade de ideias), sendo bastante utilizada nas Ciências Sociais, é indicada para recolher ideias inovadoras. Todos deverão apresentar as suas ideias de forma a poder filtrar as que melhor se enquadram no modelo de Transição. Numa primeira fase, apenas participará o grupo fundador. Com esta atitude, espera-se conseguir delinear melhor os objetivos pelo qual o movimento se deve orientar. Entende-se assim que será mais positivo ser o grupo inicial a estabelecer os objetivos atingir inicialmente, uma vez que, tendo em conta a experiência de outros movimentos de transição, os conflitos tendem a surgir. Assim, após a constituição do grupo de direção e de um plano inicial já definido, os novos elementos ao aderir ao movimento irão deparar-se com um grupo já organizado e preparado para acolher novas ideias. Neste sentido a técnica de brainstorming estará sempre revitalizada por novas ideias sem nunca menosprezar a autonomia individual.

4. Divulgação do movimento Vizela em Transição no concelho.

Será uma primeira aproximação á comunidade, inspirada num plano de Marketing, em colaboração com empresas de publicidade e órgãos de comunicação social, como a Rádio Vizela, de forma a divulgar o movimento pelos habitantes de Vizela, usando uma linguagem fácil, direta e assertiva. Com esta atitude, espera-se despertar a curiosidade dos habitantes sobre algo novo que vai acontecer que irá ser benéfico para todos, em que todos poderão ser participativos nessa mesma mudança. Uma informação que consiga influenciar o maior número possível de habitantes.

5. Criação dos grupos de trabalho.

A criação dos grupos de trabalho será realizada assim que a direção esteja formada e organizada e após a primeira divulgação do movimento Vizela em Transição. Os grupos de trabalho serão formados para possibilitarem uma maior diversidade. É feito de forma voluntária, não sobrecarregando as mesmas pessoas. Uma vez criados, os grupos de trabalho poderão atuar de forma autónoma, elaborando iniciativas tendo em conta os seus objetivos

mais específicos e concretos. Contudo estarão sempre sob o olhar crítico do grupo coordenador, que estará atenta a que cada grupo não se afaste dos princípios que fundamentam a Transição. Os grupos de trabalho surgem também como um ator importante no fortalecimento das relações interpessoais, uma vez que ao pertencerem a um dado grupo de trabalho os indivíduos partilham dos mesmos interesses, mantendo a mesma linha de pensamento, fazendo os esforços necessários para que os objetivos propostos se cumpram. Um dos objetivos dos grupos de trabalho é conseguir, também, estabelecer o maior número de relações possíveis criando com isso uma vasta rede de contatos que consiga atingir diferentes níveis sociais. A criação dos grupos de trabalho, bem como a criação da rede de contatos, estará, em boa medida, dependente da cooperação com as associações já existentes no concelho de Vizela, em que se procurará junta delas, e através delas, enriquecer e fazer mais forte o movimento Vizela em Transição.

6. Análise SWOT.

Neste ponto, será necessário fazer uma análise SWOT, reconhecer internamente os pontos fortes e os pontos fracos de uma organização (Patel, N., 2020) para, através da sua interpretação, alterar a qualquer momento as estratégias definidas para atingir os objetivos propostos se assim for necessário. Assim, neste projeto os pontos fortes, iniciais, serão as características de Vizela já apresentadas, bem como as iniciativas a serem elaboradas, tendo em conta a motivação dos seus participantes. O pontos fracos serão o tempo que as iniciativas podem demorar a apresentar resultados, o baixo número de adesões á participação no movimento e a possível saída de membros que foram protagonistas em momentos importantes do movimento, como os membros de direção ou os indivíduos que conceberam as iniciativas, bem como por indivíduos que posteriormente percam o interesse ao movimento. De salientar que a análise Swot surge neste ponto 6 da ordem cronológica mas poderá eventualmente acontecer mais cedo.

7. Brainstorm nos grupos de trabalho.

Como anteriormente foi realizada no grupo inicial, esta técnica será também realizada nos grupos de trabalho, em que será o ponto de partida para a elaboração de iniciativas.

8. Plano de Marketing.

O objetivo da elaboração do plano de Marketing é divulgar todas as ações do movimento Vizela em Transição. O plano Marketing poderá funcionar como um grupo de trabalho em concreto que trabalha para os outros grupos de trabalho, atuando em momentos precisos de forma a que as ações de cada grupo sejam divulgadas atempadamente, e das mais variadas formas possíveis, de modo a que toda a população tenha conhecimento dos eventos que irão acontecer com antecedência de maneira a conseguirem organizar a sua rotina para poderem participar nas atividades, ou poderá funcionar dentro de cada grupo de trabalho, em que o próprio grupo ao estabelecer um evento irá fazer a sua divulgação da mesma forma como se fosse um grupo independente. Desta forma a divulgação estará sempre garantida.

9. Tempo de Celebração.

A implementação do movimento Transição em Vizela, além de ter uma forma estruturante semelhante às demais associações residentes no concelho, pretende também implementar um tempo de celebração, em que a finalidade é o convívio entre os membros participativos sobre os objetivos alcançados sendo essas mesmas celebrações abertas a toda a comunidade no intuito de uma vez mais dar a conhecer um movimento que a todos pode beneficiar.

10. Cronograma.

A apresentação do cronograma abaixo indicado indica a duração do projeto que terá, como mínimo, a duração de um ano, sendo que o ideal de avaliação do projeto deve ser após dois anos do seu início, isto porque o objetivo deste projeto é conseguir fazer chegar a Transição a todo o concelho de Vizela, e, para perceber esta consciencialização e participação dos cidadãos, serão necessários pelo menos dois anos para entender se a Transição foi bem implementada sem a saída de membros e se mantém firme nos seus ideais. Assim, apresenta-se o seguinte cronograma, por ordem de trabalhos:

Etapas	2020			2021								
	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Formação Grupo de Direção												
Características do Concelho de Vizela												
Brainstorm												
Elaboração de Objetivos												
Marketing												
Criação Grupos de Trabalho												
Análise Swot												
Tempo de Celebração												

Tabela 1. Cronograma das actividades do movimento Vizela em Transição

11. Resultados esperados.

Neste projeto, ao tratar-se de um guia orientador para a implementação do movimento de Transição no concelho de Vizela, os resultados esperados são meramente especulativos. Contudo, com a implementação do projeto, os resultados esperados são a própria implementação do movimento de Transição, a adesão dos habitantes em número considerável, quer estes sejam praticantes ativos nas iniciativas realizadas bem como pertencentes ao próprio movimento. O estabelecimento de uma rede de contatos é também um dos pontos chave nos resultados esperados, capaz de garantir uma estabilidade forte e duradoura no movimento e através dela poder ser possível a criação de uma economia circular sustentável que é em si um outro resultado esperado.

O presente projeto é concebido de modo, em um determinado espaço temporal, conseguir a introdução do conceito da Transição, e sua posterior implementação, no concelho de Vizela.

As etapas elaboradas são de carisma exploratório, uma vez que o próprio projeto segue também essa mesma linha de pensamento, e assumem ao mesmo tempo características provisórias e definitivas, em que serão provisórias porque podem ser alteradas a qualquer momento da evolução do movimento e definitivas no caso de o projeto conseguir ser levado avante e os seus atores queiram que essas mesmas etapas prevaleçam. Assim, os resultados esperados ficarão sempre á mercê do projeto, na medida de este ser tomado em conta e se formar o movimento de Transição no concelho de Vizela, como também podem obter diferentes resultados, uma vez que estarão diretamente ligados às iniciativas e etapas que o movimento possa optar por realizar.

8. ESBOÇO DA INICIATIVA A IMPLEMENTAR

Uma iniciativa a ter em conta poderia ser a elaboração de um grupo de trabalho que teria como finalidade a sensibilização ambiental. Esta sensibilização poderia ser realizada através de outdoors, workshops sobre reciclagem e reutilização dos materiais, educação ambiental, conferências com convidados de renome, entre outras abordagens de modo a conseguir atingir o público alvo. Através da sensibilização ambiental será esperada a mudança comportamental em relação a hábitos que em muito prejudicam o meio ambiente, em que esta sensibilização poderá ser articulada junto com o órgão de soberania local, na tentativa de também este intervir na preservação do ambiente, como exemplo a colocação de caixotes do lixo nas ruas com espaçamentos mais reduzidos entre si, como também pode ser articulada com as escolas, por exemplo na realização de workshops, e até mesmo na introdução de hábitos alimentares mais saudáveis nas cantinas escolares. Uma outra abordagem da sensibilização poderia ser a interação junto do tipo de agricultura familiar e com pequenos agricultores, de modo a conseguir realizar uma prática de cultivo biológica, sendo mais saudável e protetora do meio ambiente.

Esta iniciativa é apresentada como um simples exemplo como a Transição pode ser implementada, de maneira a alterar as mentalidades dos cidadãos em relação com o seu estilo de vida e a sua interacção com o meio ambiente.

9. CONCLUSÃO

O presente trabalho apresenta-se como um guia de carácter exploratório para a implementação do movimento de Transição no concelho de Vizela. Para tal, foi recolhida informação sobre os diferentes enquadramentos em que a população do concelho se insere, sendo eles os enquadramentos económico, social e ecológico. A elaboração deste projeto está também alinhada com os princípios da Transição que ocorre a nível mundial (Transition Network), compreendendo princípios fundamentais de modo a que as diferenças sociais e a exclusão social tenham o menor impacto possível no seu interior, do mesmo modo que através deles se procura proporcionar oportunidades de negócios, na tentativa de criar uma economia circular sustentável em que todos possam lucrar desses investimentos, aumentando, através da resiliência das suas ações, as relações intersociais, afirmando cada vez mais a territorialidade das comunidades onde o movimento está inserido. As iniciativas presentes em Portugal e por

todo o mundo refletem a crescente preocupação de pensar o estilo de vida atual repensando a economia, a interação com o meio ambiente e a sustentabilidade da nossa própria existência. São inúmeras as iniciativas realizadas bem como os patamares sociais em que elas fazem a diferença, demonstrando assim a capacidade criativa dos atores da Transição fazerem chegar as mudanças comportamentais a todos os níveis da sociedade, e com isso mesmo comprovar que é possível encontrar soluções alternativas face às mesmas problemáticas.

No trabalho é também feita a comparação entre a Transição e Inovação Social, em que ambos os conceitos partilham princípios idênticos e procuram através da criatividade dar soluções aos problemas reais. A Transição é também referida como uma forma de Decrescimento, uma vez que através das iniciativas, que promovem a resiliência e a territorialidade, acaba por fazer um ataque direto ao sistema atual, o Capitalismo. Em relação ao enquadramento económico e ecológico entende-se, através do trabalho elaborado, que o concelho de Vizela apresenta condições favoráveis á implementação de uma economia circular sustentável, em que o concelho contém já uma estrutura económica capaz de satisfazer toda a população, bem como as características ambientais revelam existir condições para uma ótima interação com o meio ambiente procurando a sustentabilidade sócio-ambiental. O projeto em si tem como base metodológica as técnicas da entrevista, o questionário, a investigação-ação, o brainstorming e a análise SWOT. Estas ferramentas foram necessárias para a elaboração deste projeto, que se apresenta como um guia de orientação para a implementação do movimento da Transição no concelho de Vizela. Nele estão descritos os procedimentos a seguir para que a implementação decorra da melhor forma possível, em que a qualquer momento as orientações podem sofrer qualquer tipo de modificação. O projeto tem como principal objetivo, a ser conseguido através da elaboração de diferentes iniciativas mas que fazem parte de um todo, a tentativa de todos indivíduos do concelho serem de alguma forma pertencentes ao movimento da Transição.

Assim, tendo o projeto um aspeto de guia, a conclusão será baseada nos resultados esperados, acima mencionados, uma vez que só após a implementação do projeto será possível debater uma conclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Portuguesa do Ambiente (2020). Desenvolvimento Sustentável. Consultado em Setembro 16, 2020, em <https://apambiente.pt/>
- Alves, A. (2014) PRÁTICAS AMBIENTAIS E A RELAÇÃO DOS VIZELENSES COM O RIO VIZELA. Dissertação de mestrado em Geografia Especialização em Planeamento e Gestão do Território, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Bauman, Z. (2010) Capitalismo parasitário, Jorge Zahar Editor, Ltda.
- Casarotto, C. (2019). análise estratégica do seu negócio. Blog Rockcontent. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://rockcontent.com/br/blog/como-fazer-uma-analise-swot/>
- Coentro, L. (2016). A história do movimento de Transição. Consultado em Setembro 13, 2020, em http://www.transicaoportugal.net/wp-content/uploads/2014/10/a_historia_do_movimento_de_transicao.pdf
- Digital de Vizela (2016). AMAS volta a limpar Rio Vizela este sábado. DIGITAL DE VIZELA – ddV. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://www.digitaldevizela.com/2016/04/amas-volta-limpar-rio-vizela-este-sabado.html?m=0>
- Fernandes, A. (2019). Presidente da Câmara reúne amanhã com grupos parlamentares. Rádio Vizela. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://www.radiovizela.pt/noticia-presidente-da-camara-reune-amanha-com-grupos-parlamentares>
- Fonseca, I. (2014) Retrato social das pessoas com demência no concelho de Vizela. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social, Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto, Portugal.
- Jornal Oficial da União Europeia (2006). DIRECTIVA 2006/21/CE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 15 de Março de 2006 relativa à gestão dos resíduos de indústrias extrativas e que altera a Diretiva 2004/35/CE. Consultado em Setembro 16, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/Directiva%20n.%202006_21_CE.pdf
- Jornal Oficial da União Europeia (2009). DIRECTIVA 2009/31/CE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 23 de Abril de 2009 relativa ao armazenamento geológico de dióxido de carbono e que altera a Diretiva 85/337/CEE do Conselho, as Diretivas 2000/60/CE, 2001/80/CE, 2004/35/CE, 2006/12/CE e 2008/1/CE e o Regulamento (CE) n.º 1013/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho. Consultado em Setembro 17, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/2009-04-23_Diretiva_2009_31_CE.pdf
- Jornal Oficial da União Europeia (2013). DIRETIVA 2013/30/UE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 12 de junho de 2013 relativa à segurança das operações offshore de petróleo e gás e que altera a Diretiva 2004/35/CE. Consultado em Setembro 17, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/2012-06-12_Diretiva_2013_30_UE.pdf
- Lusa, A. (2019). Câmara de Vizela responsabiliza ministro do Ambiente por poluição do rio. Observador. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://observador.pt/2019/08/02/camara-de-vizela-responsabiliza-ministro-do-ambiente-por-poluicao-do-rio/>
- Oliveira, C. (2015) AGRICULTURA FAMILIAR E DESERTIFICAÇÃO: ESTUDOS DE CASOS NOS DISTRITOS DE BRAGA E DA GUARDA. Dissertação de mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, Portugal
- Patel, N. Análise SWOT: O Que É e Como Fazer (+ 4 Exemplos Práticos). Blog Neilpatel. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://neilpatel.com/br/blog/como-fazer-analise-swot/>
- Patel, N. (2020). Brainstorming: O Que É, Como Fazer (Passo a Passo). Blog Neilpatel. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://neilpatel.com/br/blog/o-que-e-brainstorming/>
- pplware (2019). Robô que vigia o rio já apanhou 27 moradores a poluírem o Vizela. Pplware. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://pplware.sapo.pt/informacao/robo-que-vigia-o-rio-ja-apanhou-27-moradores-a-poluirem-o-vizela/>
- Ribeiro, J. B. (2017). UMA SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, © Edições Húmus, Lda. e Autor
- Saraiva, L., Carrieri, A. & Soares, A. (2014) Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do mercado central de belo horizonte, Ram. Rev. Mackenzie, São Paulo.

Silva, J. C. (2013) *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos: As Disputas Autónomas da Regeneração à República*. Dissertação de mestrado em História e Património, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Socioeco (2003). O que é a inovação social? Consultado em Setembro 16, 2020, em http://www.socioeco.org/bdf_dossier-5_pt.html

TransitionNetwork (2020). Eco-Comunidades na Planície. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://transitioninitiative.org/initiatives/eco-comunidades-na-planicie/>

TransitionNetwork (2016). O Guia Essencial para a Transição. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://transitionnetwork.org/wp-content/uploads/2018/08/O-Guia-Essencial-para-a-Transição-v.1.pdf>

TransitionNetwork (2020). TransitionNetwork. Consultado em Setembro 13, 2020, em <https://transitionnetwork.org/>

Twigg, J. (2009). Características de uma Comunidade Resiliente aos Desastres. Consultado em Setembro 22, 2020, em https://www.academia.edu/6703093/Caracter%C3%ADsticas_de_uma_Comunidade_Resiliente_aos_Desastres_NOTAS_DE_ORIENTA%C3%87%C3%83O

Wikipedia, [https://pt.wikipedia.org/wiki/VizelaTransição Portugal](https://pt.wikipedia.org/wiki/VizelaTransi%C3%A7%C3%A3o_Portugal) (2020). Iniciativas de transição. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://www.transicaoportugal.net/iniciativas-de-transicao/portugal/>

ANEXOS

Exemplo de questionário exploratório para as associações

Exemplo de questionário para a população vizelense

Exemplo de questionário para as associações:

1. Tem algum tipo de familiaridade com o conceito do movimento de Transição?
2. Se sim, o que entende como Transição?
3. Se não, explicar sucintamente o que é a Transição.
4. Uma vez que conhece, ou após a explicação do que é a Transição, entende que o movimento é capaz de moldar o quotidiano das pessoas para uma melhor vivência social e ambiental?
5. Em relação ao contacto que já tem com a população vizelense, a implementação do conceito da Transição seria bem aceite pela mesma se bem direcionada e promovida?
6. Uma vez que um dos intuitos da Transição é estabelecer uma rede de contatos entre as associações, pensa que estas poderiam de alguma forma contribuir para a implementação do movimento, no sentido em que todas estariam ligadas por um conceito comum a todas elas?
7. De uma forma geral e conhecendo o conceito da Transição como conhece, a associação de que faz parte poderia contribuir positivamente para a Transição, ou conter membros capazes de ter a mesma linha de pensamento dos parâmetros da Transição?

(O tempo estimado da entrevista é de 30 minutos.)

Exemplo de questionário para a população vizelense:

1. Tem de alguma forma conhecimento sobre o que é o movimento da Transição?
– Se sim, avance para a pergunta 2.
– Se não, avance para a pergunta 4.

2. Uma vez que tem conhecimento sobre este movimento pensa que faria sentido existir uma associação que desenvolve-se a Transição em Vizela?
2.1. Sim. []
2.2. Não. []

3. Acredita que a Transição é capaz, se bem implementada, mudar o estilo de vida e a mentalidade das pessoas em relação as relações sociais e com isso mudar também as mentalidades para a preservação do meio ambiente?
3.1. Sim. []
3.2. Não. []
Deve avançar para a pergunta 5.

4. Sendo a Transição um movimento capaz de alterar a vida das pessoas em benefício de toda a comunidade, sem fins lucrativos, gostaria que uma associação desenvolve-se no concelho de Vizela este tipo de actividade, e com o passar do tempo iria conhecer melhor o tipo de trabalho realizado e os seus benefícios?
4.1. Sim. []
4.2. Não. []

5. Que tipo de tema gostaria de ver desenvolvido pela associação?
5.1. Agricultura. []
5.2. Educação. []
5.3. Preservação ambiental. []

5.4. Desporto. []
5.5. Culinária. []
5.6. Outro. []

6. Estaria disposto assistir a uma palestra sobre como o movimento de Transição poderia ser implementado em Vizela e quais os seus benefícios?
6.1. Sim. []
6.2. Não. []

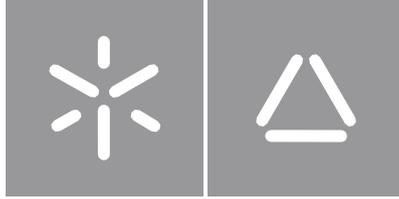
7. No caso de realmente existir a formação de uma associação que desenvolva a Transição em Vizela julga poder fazer parte desse movimento para benefício próprio como também para os outros habitantes?
7.1. Sim. []
7.2. Não. []

8. Uma vez que ao introduzir a Transição em Vizela é pretendido que se estabeleça por todo o concelho em diferentes formas de atuar, seria mais fácil para si ser um membro da associação se esta tivesse mais próximo da sua habitação?

8.1. Sim. []

8.2. Não. []

(O tempo estimado deste questionário é de 15 minutos.)



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Simão Pedro Magalhães de Castro

**Guia para a transição ecológica em Vizela.
Um estudo exploratório**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Sociologia
Especialização em Políticas Sociais

Trabalho efetuado sob a orientação do
Professor Doutor José Fernando Pinheiro Neves

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



**Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND**

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>

AGRADECIMENTOS

Todo o caminho percorrido para a elaboração deste projeto apenas foi conseguido devido ao empenho da minha família, os meus pais, a minha irmã e sobrinhos e, com especial carinho, dos meus sogros, que sempre foram o mais prestáveis possível. A força motivadora que sempre esteve presente foram os meus filhos e a minha esposa, que me deram ânimo e momentos de concentração, que em todos os momentos compreenderam este tempo de estudo e constantemente me proporcionaram momentos de alegria. Sem eles, este trabalho não teria sido possível.

A realização deste trabalho foi também concretizada pela atenção e o apoio do Professor José Neves, que conseguiu sempre mostrar-me um outro rumo quando o caminho parecia fechar-se. Destaco também a valiosa ajuda da Professora Rita Ribeiro, que sempre se mostrou pronta no esclarecimento de dúvidas com uma palavra de motivação.

A todos, um muito obrigado pelo apoio, a ajuda e a força!

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho acadêmico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

Para combater um sistema mundial que molda a economia a partir da exploração intensiva dos hidrocarbonetos e de um paradigma de vida quotidiano baseado no consumismo, no excesso de produção não reciclável, na obsolescência, na poluição generalizada, na destruição de habitats e ecossistemas com biodiversidade e, nos ecossistemas sociais, no aumento da desigualdade social de acesso aos recursos, emerge o “Movimento de Transição”, na procura de uma sociedade melhor, digna e sustentável. Alicerçando localmente as suas bases para crescer a nível global e partindo das competências e capacidades de resistência grupal, o movimento influencia um crescente número de iniciativas em vários países, existindo mais de 35 países onde se pratica a Transição através de um total de 939 iniciativas.

Portugal, nomeadamente, conta com 22 comunidades em transição: a título de exemplo, Famalicão em Transição, Braga em Transição, Transição em Pombal e, muito recentemente, a iniciativa Transição Viana do Castelo. O projeto descrito na dissertação assume a forma de investigação com uma componente interventiva. Essencialmente, o presente texto consiste numa espécie de guia para a transição ecológica no concelho de Vizela. Para além de o autor da dissertação ter uma forte ligação com este território, justificando assim a sua escolha, deve-se sublinhar que o local suprarreferido apresenta características propícias à transição enquanto projecto piloto e exemplar, demonstrando que toda uma comunidade pode, servindo-se de metodologias participativas, transformar o seu paradigma de vida quotidiana.

PALAVRAS-CHAVE Decrescimento, Proximidade, Sócio-ambiental, Transição

ABSTRACT

To combat a global system that shapes an economy based on intensive hydrocarbon exploitation and a paradigm of everyday life based on consumerism, excessive non-recyclable production, obsolescence, widespread pollution, destruction of habitats and ecosystems with biodiversity and, in social ecosystems, based on increasing social inequality in access to resources, the “Transition Movement” emerges, searching for a better, dignified and sustainable society. Basing its foundations locally in order to grow globally, and starting from the skills and capacities of group resistance, the movement influences an increasing number of initiatives in several countries, with more than 35 countries where Transition is practiced in a total of 939 initiatives.

Namely in Portugal where it has 22 communities in transition, such as Famalicão in Transição, Braga in Transição, Transição in Pombal and very recently the Transição Viana do Castelo initiative. The project, described in the dissertation, takes the form of an investigation with an intervention component. It essentially consists of a kind of guide for the ecological transition in the municipality of Vizela. In addition to the author of the dissertation having a strong connection with this territory, thus justifying his choice, it should be noted that the area of the municipality of Vizela has characteristics conducive to the transition as a pilot and exemplary project demonstrating that an entire community can, using participatory methodologies, transform your everyday life paradigm.

KEYWORDS Growth, Proximity, Socio-environmental, Transition

ÍNDICE

Introdução	10
1. Enquadramento teórico	11
1.1. O nascer da Transição	11
1.2. Transição no mundo	14
1.3. Portugal e a Transição	15
1.4. Transição um conceito de Inovação Social	17
1.5. Transição como estratégia alternativa virada para o novo conceito de “decrescimento”	18
2. Caracterização das potencialidades da área do município de Vizela	22
2.1. Características Físicas e Sociais do Concelho de Vizela	23
2.2. O município de Vizela apresenta potencialidades para a implementação da Transição	28
3. Enquadramento Económico	28
3.1 Diagnostico BOS (Blue Ocean Strategy)	29
4. Enquadramento Ecológico	30
5. Metodologia	30
6. Objetivos do movimento Vizela em Transição	32
7. O Projeto Vizela em Transição	33
8. Esboço da iniciativa a implementar	37
Conclusão	37
Referências Bibliográficas	39
Anexos	40

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Mapa do Concelho de Vizela, identificando as suas freguesias.

<https://www.cm-vizela.pt/sample-page/juntas-de-freguesia/>

Figura 2. Lavadeiras e crianças tomando banhos no rio Vizela (1908).

[https://3.bp.blogspot.com/--](https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg)

[HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg](https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJCnfydDGDAoJgliFg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg)

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Cronograma das atividades para o movimento Vizela em Transição.

INTRODUÇÃO

Para combater um sistema mundial que molda uma economia baseada na exploração intensiva dos hidrocarbonetos e num paradigma de vida quotidiano baseado no consumismo, no excesso de produção não reciclável, na obsolescência, na poluição generalizada, na destruição de habitats e ecossistemas com biodiversidade e, nos ecossistemas sociais, no aumento da desigualdade social de acesso aos recursos, emerge o “Movimento de Transição” na procura de uma sociedade melhor, digna e sustentável. Alicerçando localmente as suas bases, para crescer globalmente, e partindo das competências e capacidades de resistência grupal, o movimento influencia um número de iniciativas em vários países cada vez maior, perfazendo um total de 939 iniciativas em mais de 35 países. Em Portugal, nomeadamente, conta com 22 comunidades em transição, tais como Famalicão em Transição, Braga em Transição, Transição em Pombal e, muito recentemente, a iniciativa Transição Viana do Castelo. O projeto descrito na dissertação assume a forma de uma investigação com uma componente de intervenção. Essencialmente, consiste numa espécie de guia para a transição ecológica no concelho de Vizela. Para além do autor da dissertação ter uma ligação forte com este território, justificando assim a sua escolha, deve-se sublinhar que a zona do concelho de Vizela apresenta características propícias à Transição como um projeto piloto e exemplar, demonstrando que toda uma comunidade pode, a partir do uso de metodologias participativas, transformar o seu paradigma de vida quotidiana.

1. ENQUADRAMENTO TEÓRICO

O enquadramento teórico deste projeto irá, em primeiro lugar, recensear algumas ferramentas teóricas que inspiram o movimento de Transição. Em seguida, fará uma descrição das suas origens e do grau de disseminação a nível mundial e a nível nacional. Por fim, haverá lugar para uma articulação com outros conceitos ligados à Sociologia do Desenvolvimento e à Sociologia da Inovação, entre os quais se enquadram o crescimento sustentável, o decrescimento e a inovação social.

1.1. O Nascer da Transição

Após diferentes tentativas de iniciação, a Transição surge pela primeira vez em Totnes, Inglaterra, no ano de 2005. O movimento começou com a liderança de Rob Hopkins, formado em Qualidade Ambiental e Gestão de Recursos pela Universidade West of England (1993-1996) que, posteriormente à fundação da Transition Town Totnes, obtém um Mestrado em Pesquisa Social (2007) e um doutoramento sobre a Transição (2011) pela Plymouth University. A eles junta-se ainda Naresh Giangrande, que abandona o cargo de diretor executivo de uma empresa paisagística para se dedicar inteiramente ao movimento de transição (TransitionNetwork, 2020).

A Transição identifica-se como “um experimento social contínuo, um movimento de comunidades que se reúnem para reimaginar e reconstruir nosso mundo por meio de um progresso de criação de cultura humana saudável” (TransitionNetwork, 2016, p.7). O experimento procura encontrar soluções às adversidades do mundo atual através da transformação a nível local.

Inicialmente, a Transição encontra um maior e mais rápido impacto na prática da agricultura. Esta atividade é, ainda hoje, uma das primeiras etapas que diversos grupos de Transição procuram atingir, uma vez que os processos não infringem regras nem leis e são praticamente a custo zero. A partir da agricultura, é mais fácil introduzir o conceito de Transição numa comunidade. Contudo, de forma gradual, ela chega rapidamente a todos os setores do nosso quotidiano, impulsionando todo o tipo de novos projetos, empresas e oportunidades de investimento (TransitionNetwork, 2016).

A Transição, que hoje conhecemos como “TransitionNetwork”, passou por vários processos de aprendizagem no que concerne à sua construção. Um dos principais pilares desenvolvidos em particular neste movimento é a criação do grupo interno “Heart and Soul”, formado por Hillary Prentice, ecologista, e Sophy Banks, formada em psicoterapia. Posteriormente, foi redesignado como “Inner Transition” (TransitionNetwork, 2020). O fundamento da criação deste grupo consiste na forma como o Eu encara a Transição, abordando a mudança que provoca no interior de cada indivíduo e as emoções e responsabilidades que se podem criar nele para que se torne parte do movimento. Até que ponto o Eu se consegue integrar e dar-se a um movimento que entende que as relações sociais são a sua maior conquista na transformação de uma comunidade/sociedade? Esta questão, entre muitas outras, é, de facto, importante para que o indivíduo indague se está realmente aberto e recetivo a aceitar o movimento como seu, no qual a diferença que se pretende fazer no mundo atual se concretiza através da mudança comportamental humana, quer a nível de hábitos diários, quer nas relações sociais. O movimento de Transição estabelece, assim, juntamente com a orientação pessoal, princípios pelos quais os praticantes da Transição se devem reger

(TransitionNetwork, 2020):

- Respeitar os limites dos recursos e criar resiliência: existe a necessidade urgente de reduzir as emissões de dióxido de carbono e de diminuir significativamente a dependência humana de combustíveis fósseis. Empregar um uso sensato de recursos preciosos está na vanguarda de tudo o que fazemos.

- Promover a inclusão e a justiça social: as pessoas mais desfavorecidas e impotentes da sociedade serão provavelmente as mais afetadas pelo aumento dos preços dos combustíveis e dos alimentos, resultante da escassez de recursos e de situações climáticas extremas. Pretende-se incrementar as oportunidades de todos os grupos sociais, para que todos atinjam uma boa qualidade de vida e a vivam de forma saudável, com meios de subsistência assentes na sustentabilidade.

- Adotar a subsidiariedade: adequar a auto-organização e a tomada de decisões. A intenção do modelo de Transição não é centralizar ou controlar a tomada de decisões, mas sim trabalhar com todos os intervenientes para que seja praticada ao nível mais apropriado, prático e capacitante possível.

- Prestar atenção ao equilíbrio: ao responder a desafios globais urgentes, é comum que as pessoas e os grupos acabem por se sentir sob um maior nível de stress, fechados, pressionados ou coagidos, em vez de abertos, criativos e conectados ao momento presente. Há que criar espaço para refletir, celebrar e descansar, por via a atingir o equilíbrio entre os momentos em que as pessoas estão ocupadas e atentas em intervir e participar ativamente na mudança. O processo passa por explorar formas diferentes de trabalho que envolvam tanto a cabeça, a nível mental, como também as mãos e o coração, visando potenciar o desenvolvimento de relações colaborativas e confiáveis.

- Fazer parte de uma rede experimental de aprendizagem: a Transição é uma experiência social global em tempo real e da vida real. Integrar ou fazer parte de uma rede significa ter a capacidade de criar mudanças mais rápida e eficazmente, tirando proveito das experiências e dos conhecimentos dos outros elementos. Queremos reconhecer e aprender com o fracasso, tal como com o sucesso. Afinal, ao ser ousado e encontrar novos modos de vida e de trabalho, nem sempre é possível acertar à primeira vez. Promover-se-á a abertura sobre os processos a empregar e vamos ativamente procurar receber feedback e dar uma resposta positiva.

- Compartilhar livremente ideias e poder: a Transição é um movimento da sociedade civil, onde as ideias podem ser adotadas rápida, ampla e efetivamente, porque cada comunidade toma posse do processo. A Transição parece diferente em diferentes lugares e queremos encorajar a diversidade, em vez de coagir sem auxílio.

- Colaborar e procurar sinergias: a abordagem da Transição passa por trabalhar em conjunto como uma comunidade, fomentando o pensamento coletivo com a finalidade de alcançar um impacto maior em grupo do que sozinhos enquanto indivíduos. Procuraremos oportunidades para construir parcerias criativas e poderosas para o movimento de Transição e além dele, com vista a desenvolver uma cultura colaborativa, encontrar elos entre projetos, criar processos abertos de tomada de decisão e elaborar eventos e atividades que ajudem as pessoas a estabelecer conexões.

- Fomentar uma visão e criatividade positivas: o foco principal não é ir contra as coisas, mas desenvolver e promover possibilidades positivas. Acreditamos no uso de formas

criativas de engajar e envolver as pessoas, incentivando-as a imaginar o futuro que querem habitar. A geração de novas histórias é fundamental para esse trabalho de visão, como também o são a diversão e a celebração do sucesso.

Deste modo, a Transição baseada no conceito de proximidade procura atuar localmente, pois será dentro das comunidades que melhor poderão servir estes valores. Só através do melhoramento contínuo das relações sociais que nos são mais próximas será possível concretizar-se a Transição. A título de exemplo, tem-se a economia de proximidade, um espaço recreativo, uma horta conjunta, entre outras possibilidades.

Ao longo do tempo, a Transição vai, juntamente com os paradigmas da sociedade, introduzindo novas formas de resiliência no seu movimento, preparando progressivamente as comunidades a saber reagir de forma mais eficaz a novas problemáticas que possam surgir. Em dificuldades futuras, não se pretende antecipar ou recear a ameaça mas poder encontrar e atribuir-lhe uma solução num período de tempo mais curto. A finalidade passa por libertar a comunidade de viver em ansiedade relativamente ao “medo” constante da possível ameaça, em prol do enriquecimento da união comunitária na procura de soluções (Twigg, J., 2009). Estas novas formas de afirmação da Transição devem-se também à diferença que cada grupo de Transição pode apresentar uma vez que, ao atuar localmente, a Transição vai procurar resolver os problemas na comunidade onde está inserida. Por exemplo, uma comunidade em contexto urbano que contém gangues rivais não vai manifestar os mesmos problemas de uma comunidade rural que apresenta problemas em relação ao cultivo intensivo e a um rio poluído, daí o facto de a Transição poder alcançar os mais diversos níveis sociais nos mais variados cenários possíveis.

Procuramos uma simplicidade perdida neste ruído civilizacional. Temos como referência o Movimento de Transição, que consiste numa caminhada em direção à autonomia e resiliência das comunidades, através da participação ativa de todos no seu meio. Procuramos que as nossas comunidades voltem a ter as rédeas da sua própria existência, e que nós, cidadãos, percamos o medo de sonhar e reconquistemos a confiança no outro, o nosso vizinho, para que, juntos, construamos a sociedade à nossa imagem (TransitionNetwork, 2020).

O conceito da territorialidade pode também, como o conceito de resiliência, ser inserido no contexto teórico em relação ao movimento da Transição. A territorialidade apresenta-se como a identificação de um dado espaço ou território, em que este assume características próprias.

O conceito de territorialidade [...] está ligado ao de identidade porque o território pressupõe manifestações identitárias. A territorialidade é “a qualidade subjetiva do grupo social ou do indivíduo que lhe permite, com base em imagens, representações e projetos, tomar consciência de seu espaço de vida” (Cara, 2002, p.261).

O espaço, para Fischer, “informa-nos sobre a maneira como o trabalhador aceita, utiliza, investe ou rejeita seu trabalho” (Fischer, 1994, p.84), sendo este entendido como ligação a partir da qual tenta recriar sua identidade e, da mesma forma, tornar o espaço um reflexo de si mesmo. À medida que são permeados pela identidade, os espaços e seus desdobramentos se convertem em territórios que se fundem e em realidade que se constrói. A construção do cotidiano dos indivíduos materializa-se no entorno de coisas que apresentam valor simbólico. Fischer (1994) entende o território “como uma dimensão interativa do comportamento humano em dado contexto” (p.85). Os territórios revelam o que os indivíduos são como membros de uma sociedade. Conhecer o território, em primeiro lugar, é, como espaço

apropriado, “conhecer a si mesmo, nas partes e no todo. Em segundo, conhecer o território é conhecer o outro” (Silva, 2002, p.259, citado em Saraiva, L., Carrieri, A. & Soares, A., 2014). Assim, o conceito da Transição surge com a preocupação pela necessidade de alteração comportamental do ser humano, bem como da mudança de mentalidade em relação ao seu estilo de vida e interação com o meio ambiente. A formação do movimento de Transição compreende princípios fundamentais a implementar, de maneira a que as diferenças sociais e a exclusão social tenham o menor impacto possível no seu interior, do mesmo modo que procura proporcionar oportunidades de negócios na tentativa de criar uma economia circular sustentável na qual todos possam lucrar desses investimentos, aumentando, através da resiliência das suas ações, as relações intersociais, afirmando cada vez mais a territorialidade das comunidades onde está inserida.

1.2. Transição no Mundo

Após o seu início em Totnes, Inglaterra, o Movimento de Transição vem formar, ao logo do tempo, vários grupos por todo o mundo, somando, na atualidade, 939 iniciativas (TransitionNetwork, 2020), em que a significativa maioria se apresenta na Europa com 491 iniciativas, onde a Inglaterra lidera com 336 atividades. Nos Estados Unidos, conhecem-se 232 iniciativas.

Os grupos de Transição surgem com os mais variados ideais e formas de fazer a Transição, demonstrando que esta pode abranger as mais variadas formas do saber humano, permitindo dar resposta a problemáticas das mais diversas causas, como exemplo:

- Transition Newcastle, Austrália, que tem como principais atividades a reciclagem e um espaço nos mercados locais de agricultores onde as pessoas podem vender os seus produtos excedentes dos seus cultivos, quer sejam do próprio quintal ou de hortas comunitárias;

- Transition South Barwon, Austrália, abrangendo uma grande área populacional, tem como foco a promoção de uma comunidade com um futuro pós-carbono pobre em energia, rica em tempo, menos stressante, saudável e feliz;

- Transition Initiative Villa 4 Alamos-Maipu, Chile, que com o esforço de mais de 3.000 pessoas construíram o primeiro eco-bairro no Chile revitalizando os espaços públicos e alterando a vida em comunidade. Conseguiram ao longo do tempo plantar pomares comunitários produtivos, criar uma estação de compostagem e reciclagem de garrafas e resíduos sólidos, como também um centro de ensino sobre ecologia. Tornando-se assim um ícone nacional visitado pelos políticos locais e nacionais bem como por políticos internacionais. Segundo a TransitionNetwork (2020), “este projeto conseguiu transformar um bairro com problemas de droga e delinquência num bairro onde as pessoas se sentem mais seguras, mais orgulhosas e com mais poder”.

- Association Vestigium, Croácia, integrada num distrito com 12.000 habitantes, onde carece um centro de saúde, um mercado de agricultores, uma biblioteca, um centro cultural, procura implementar uma comunidade sustentável, promovendo a boa economia. No presente o grupo pratica atividades como apresentações, aulas de culinária, projetos criativos, jardinagem, onde procuram envolver os cidadãos numa socialização e ativismo a partir das diferentes práticas;

- Greyton Transition Town, Africa do Sul, iniciada em meados de 2011, procura

sensibilizar as comunidades de Greyton, Genadendal e aldeias vizinhas a acolher a Transição como forma de combater o aumento de combustíveis e o correspondente aumento do custo de vida a nível alimentar, procurando construir uma comunidade resiliente e sustentável;

- Ibiza Transition Island, Espanha, que aposta na atracção turística, principal característica da ilha, como forma de demonstrar as boas práticas sustentáveis a todo o mundo, conseguindo tornar-se em boa medida um bom exemplo de conscientização ambiental;

- Palermo in Transition, Sicília, Itália, que procura mudar os paradigmas e estereótipos atuais sobre a cidade, onde acredita que Palermo mostra um grande potencial à Transição;

- Oahu, Hawaii, Estados Unidos da América, que tem focado as suas atividades em exposições de filmes e oficinas em torno dos alimentos, evidenciando real interesse em desenvolver uma moeda local na comunidade.

Todas estas iniciativas refletem a necessidade e a vontade de uma comunidade que procura contrariar o estado atual da economia, a preocupação com o meio ambiente e o aumento significativo de pensar a sustentabilidade.

Assistimos a grupos capazes de mobilizar grandes áreas populacionais, de criar uma economia local própria, de conseguir manter a sustentabilidade numa comunidade fazendo-a praticamente autossustentável, e de desenvolver projetos de forma a estabelecer as bases numa comunidade onde não apresentam serviços estatais. Tudo isto devido ao esforço incansável da sensibilização, do atrevimento a pensar diferente, de querer viver numa comunidade onde as relações pessoais e sociais são a principal ferramenta aliada ao desafio de ser criativo e acreditar num ideal.

1.3. Portugal e a Transição

Portugal acolhe também o movimento de Transição, havendo iniciado o processo a partir de 2008, com a realização de uma palestra, em agosto, na Quinta da Cabeça do Mato, Tábua, Vila Seca, orientada por Mandy Dean, formadora da TransitionNetwork. Posteriormente, em 2010, surgiram as primeiras iniciativas de Transição, primeiro em Paredes e logo de seguida em Pombal, contando na atualidade com 22 iniciativas, disseminadas por 12 distritos, tais como Braga, Porto, Funchal, Beja, entre outros (Transição Portugal, 2020).

As iniciativas em Portugal, e o próprio movimento em si, seguiram um percurso idêntico a muitos outros casos de Transição, em que no início foi fácil a criação do grupo, mas com o avançar do tempo e os grupos ficarem mais sólidos surgiram clivagens entre opiniões individuais que posteriormente se juntaram seguindo dois trajetos. Um que tornou possível a criação de subgrupos e a iniciativa continuou, e outro que sucedeu à dissolução da tentativa de iniciação por elevar os conflitos a um estado insuportável (TransitionNetwork, 2020).

Apesar das adversidades, Portugal apresenta grupos fortes de Transição que mostram cada vez mais a sua força na transformação de mentalidades pela sensibilização, pelas atividades que promovem e pelo exemplo que a todos querem transmitir que é possível fazer e querer fazer diferente, como exemplo temos grupos de Transição como:

- Famalicão em Transição, que tem como início do seu grupo aquando a participação de indivíduos na atividade “Limpar Portugal”, em 2010, que vêm formar oficialmente, em julho de 2011, o grupo de Transição, criando posteriormente, em agosto de 2016, a Associação Famalicão em Transição. É notável o trabalho que realizam, sempre com a

preocupação de envolver o maior número possível de pessoas da comunidade, bem como gentes de terras vizinhas, onde é possível seguir todas as suas atividades na página do seu Facebook. É também um grupo que consegue transmitir a coesão existente no seu interior contendo grupos de trabalho como transição interna, educação, economia circular, meio ambiente e comunicação;

- Paredes em Transição, é também um outro exemplo de um grupo que consegue ultrapassar todas as adversidades na sua formação, onde prevalece o ideal de tornar a comunidade mais resiliente e sustentável, menos dependente em energias fósseis e do abastecimento de alimentos oriundos do exterior à comunidade. Para isso promove a sensibilização através de sessões de cinema, seguidas de debates em grupo e colóquios sobre as problemáticas atuais. Além disto desenvolve junto da comunidade a criação de hortas, atividades de partilha de conhecimentos e troca de produtos;

- Pombal em Transição, assume um papel relevante na entrada da Transição em Portugal, criando em janeiro de 2009, por Vanessa e João, o Projeto Coisas do Vizinho, que consistiu na troca de bens usados, tendo os mesmos atores coorganizado a 1ª Conferência de Transição em Portugal. Hoje o grupo continua a desenvolver projetos de sensibilização no intuito de estabelecer grupos de trabalho de modo a conseguir uma comunidade de comércio local e troca de produtos e a ambição de implementar uma moeda local.

- Aldeia das Amoreias Sustentável, uma comunidade com 200 habitantes onde o objetivo é poder transformar toda uma vila sustentável, fazendo uso da Permacultura e as suas vertentes de design, através da participação e capacitação da comunidade local (TransitionNetwork, 2020).

Também em Portugal, como por todo o mundo, se reflete a preocupação no paradigma de vida que apresentamos no momento, evidenciando a procura por parte de indivíduos em encontrar soluções de natureza sustentável, protetora do ambiente e enriquecedora das relações sociais.

Ao apresentar uma localização geográfica periférica em relação ao centro da Europa na qual os produtos externos manifestam valores acrescentados altíssimos, e considerando ainda a dependência energética, Portugal torna-se um país onde pensar a Transição pode ser uma das soluções que melhor salvaguardará os interesses de toda a sua população, agindo localmente.

1.4. Transição: um conceito de Inovação Social

O conceito de Inovação Social assume diferentes significados ao longo do tempo, contudo a sua definição base tem vindo a prevalecer sempre a mesma, consistindo na procura de novas soluções em resposta às diferentes necessidades sociais, criando uma maior procura em projetos inovadores para o desenvolvimento da sociedade e da sua economia (Glossário Inovação Social, Universidade de Aveiro, Câmara Municipal S. João da Madeira, 2014). A criatividade surge como elemento chave a desafiar o que até então estava como definido, no que entendemos ser o suporte do bom funcionamento de uma sociedade, não satisfeita pelo mercado e pelo Estado (Socioeco, 2003).

Os atores intervenientes na Inovação Social podem ser entidades de carácter privado ou institucional, bem como organizações com e sem fins lucrativos, associações e até mesmo o

próprio indivíduo, em que é a vontade de procurar fazer diferente que vai influenciar a interação de cada um deles.

É neste sentido de cooperação social, nas suas diferentes formas, que a Transição se enquadra no conceito de Inovação Social. Ou seja, a transição procura formas de fazer diferente atendendo às necessidades de uma comunidade, tendo, por isso, como base a cooperação entre indivíduos, a formação de grupos de trabalho, as diferentes iniciativas, o estabelecer redes de contato, a partilha de informação, aumentando assim a inclusão e o desapego energético (TransitionNetwork, 2020).

A Inovação Social e a Transição partilham os mesmos interesses como cidadania ativa, cocriação, coesão social, comunidade criativa, crescimento inteligente, rede de conhecimento, valor partilhado, crescimento sustentável, desenvolvimento sustentável, economia social, entre outros. Uma outra forma de verificar o quanto estes dois conceitos são semelhantes é através dos financiamentos que podem ser concedidos para projetos de Inovação Social provenientes do movimento de Transição.

Com estas características a Transição, atuando localmente, é um importante fator para a Inovação Social.

No longo prazo, e se ela for desenvolvida por movimentos sociais suficientemente poderosos, a inovação social, dado o seu questionamento sobre os modos de ação, pela implementação de estratégias diversificadas, e pela autonomia das pessoas, pode chegar a ser uma fonte de transformação social e uma impulsora da mudança (Socioeco, 2003).

A Inovação Social e a Transição são como duas ramificações do mesmo conceito, dois significados, uma vez que a base dos dois conceitos assenta na transformação social através da criatividade e do pensamento alternativo em busca de soluções diferentes aos problemas atuais. Atente-se que um projeto de Inovação Social pode ter em conta apenas os benefícios do próprio projeto, por exemplo: um projeto de ordem organizacional no qual uma empresa pode obter um benefício lucrativo superior relativamente a anos anteriores. Por outro lado, uma iniciativa de Transição que procura que a sua implementação consegue trazer benefícios para toda a comunidade, tais como a criação de hortas comunitárias que incentiva o cultivo de culturas biológicas e ainda as trocas entre os produtores e os demais.

1.5. Transição como estratégia alternativa virada para o novo conceito de “decrecimento”

O movimento de Transição defende, em grande medida, uma noção de decrecimento inspirada na análise crítica do Desenvolvimento, na forma como ele acontece e transforma a sociedade. Na obra *Uma Sociologia do Desenvolvimento* (2017), Fernando Bessa Ribeiro procura explicar como o avanço do Desenvolvimento moldou a sociedade, positiva e negativamente, bem como estudar o fracasso na implementação do Desenvolvimento Sustentável e as alternativas a este, nomeadamente, o Decrecimento. O autor recorre, por isso, a nomes como A. Giddens (2000), S. Mill, Karl Marx (1867), F. Engels (1873), Carson (1962), James O’Connor, Karl Polanyi, B. S. Santos, Caparrós, Dumonte Rosier, Davis, Harvey, Beck, Sen, Max Weber, Zygmunt Bauman (2010) e Latouch (2009).

Entende-se assim que o Desenvolvimento, associado ao Capitalismo, tem o seu início na Revolução Industrial, durante a segunda metade do século XVIII em Inglaterra. Desde então,

este processo consegue transformar toda a sociedade através dos avanços tecnológicos que promoveram a otimização dos produtos, dos diversos sectores do mercado, serviços e qualidade de vida, constituindo-se responsável pelo estilo de vida atual da Humanidade. Contudo, este modelo de Desenvolvimento assenta nos ideais do Capitalismo, nos quais a procura do lucro a todo o custo contribui para o incremento de problemas sociais e ambientais.

Aos velhos e persistentes problemas da pobreza e das desigualdades, juntam-se com especial acuidade os ecológicos que, interagindo com aqueles, colocam desafios crescentes aos governos e instituições internacionais. A produção de danos, longe de ser algo recente e decorrente, por exemplo, da exploração mineira e das atividades industriais, pode recuar até ao surgimento da agricultura e às primeiras grandes civilizações e ao que Giddens refere como “destruição progressiva do meio ambiente físico” (2000d, p.74). Segundo Ribeiro (2017), “hoje, esta destruição conhece uma outra dimensão, radicalmente mais profunda e intensa, sendo admissível que tenhamos mesmo alterado a própria história climática do planeta” (p.116).

As cidades surgem como novo modelo organizacional da sociedade, em que os indivíduos lutam por melhores condições de vida, através dos empregos conseguidos na indústria. Contudo o aglomerado populacional provoca também a precariedade e más condições de vida, além do aumento das desigualdades sociais e pobreza, “A cidade é, pois, espaço de lutas sociais e políticas no qual a todo o tempo se jogam questões como a justiça social, a democracia e a sustentabilidade ambiental” (Ribeiro, J. B., 2017, p.119), sendo a cidade, atualmente, marcada pela favelização, exclusão social, marginalização e insegurança, além de que os indivíduos nela inscritos quebram o elo que têm com o meio ambiente.

Neste sentido, o progresso de Desenvolvimento Capitalista é marcado por fortes lutas dos trabalhadores na reivindicação dos seus direitos sociais e laborais, bem como o agravamento da degradação do meio ambiente. Esta degradação tem início antes da Revolução Industrial e os exemplos passam pela exploração mineira e as atividades industriais, podendo mesmo recuar ao surgimento da agricultura e às primeiras grandes civilizações (Ribeiro, J. B., 2017, p.115), sendo que é a partir da Revolução Industrial que é lançado o verdadeiro ultimato ao meio ambiente, esquecendo por completo a necessidade e dependência que temos dele.

Os factos lembram-nos a cada passo que não reinamos sobre a natureza como conquistadores sobre um povo estrangeiro submetido, como alguém que estaria para além da natureza, mas que lhe pertencemos com a nossa carne, o nosso sangue, o nosso cérebro (Engels, 1873, p.183, citado em Ribeiro, J. B., 2017, p.117).

Deste modo, tem início uma nova crise: a crise sócio-ambiental, que perdura até aos dias de hoje. Ribeiro enuncia autores como Karl Marx, Carson e Papa Francisco como exímios denunciadores dos males provocados pelo Desenvolvimento Capitalista, sendo que a questão ambiental sempre foi ignorada pela sociedade. Só em meados da segunda metade do século XX, praticamente dois séculos mais tarde após a Revolução Industrial, é que a questão ambiental começa a ter a sua devida atenção, sendo a obra *Silent Spring*, elaborada por Carson (1962) citado em Ribeiro, J. B. (2017, p.117), uma das responsáveis por trazer para o debate político e social as preocupações com o meio ambiente.

Isto dá início a uma procura de um novo modelo social de carácter global. Este modelo será intitulado de Desenvolvimento Sustentável, conceito usado pela primeira vez no Relatório de

Brundtland, em 1987, elaborado pela Comissão Mundial sobre Meio Ambiente e Desenvolvimento (Agência Portuguesa do Ambiente, 2020). O Desenvolvimento Sustentável, mesmo antes de o ser, já era pensado desde os anos 70, época em que o desenvolvimento tradicional começa a ser alvo de críticas e reflexões por parte de intelectuais. Este modelo sustentável é, desde logo, pensado à escala mundial, uma vez que o capitalismo rapidamente se espalhou pelo mundo inteiro e, com ele, as suas consequências a nível global e só assim se poderia pensar o Desenvolvimento Sustentável.

É principalmente através das conferências das Nações Unidas que se procura a implementação de medidas que coloquem um retrocesso ao Desenvolvimento, havendo como exemplo a Conferência de Estocolmo sobre o Meio Ambiente, em 1972, na qual foi formado o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (Ribeiro, J. B., 2017, p.121), que apresenta a Declaração de Estocolmo sobre o Ambiente Humano. Esta visa essencialmente a “importância crucial dos ecossistemas para o bem-estar humano e a defesa da precaução e da preservação dos recursos como princípios fundamentais da ação humana” (Ribeiro, J. B., 2017, p.122). Atente-se também no Seminário Padrões de Utilização dos Recursos, o Meio Ambiente e as Estratégias para o Desenvolvimento, realizado em Cocoyoc, México, em 1974, e no qual se refere que a “incapacidade da sociedade para proporcionar uma vida feliz e segura à generalidade dos seres humanos não é consequência da falta de recursos materiais, mas sim resultado do modo como a economia e a sociedade se organizam”, no qual o desenvolvimento do ser humano deve prevalecer sobre o desenvolvimento das coisas. Este seminário lança ainda a forte crítica ao Capitalismo, acusando-o de funcionar em favorecimento dos mais ricos e em detrimento dos mais pobres (Ribeiro, J. B., 2017, p.122).

Enumera-se também a Comissão de Brundtland, em 1983, onde foi concebido o relatório Nosso Futuro Comum; a Cimeira da Terra, realizada no Rio de Janeiro em 1992; a Cúpula da Terra+5, em 1997; o Protocolo de Quioto, Japão, em 1997; a Cimeira de Joanesburgo, em 2002 e a Cimeira Rio+20, em 2012. Todos estes eventos têm como característica comum a denúncia dos males causados pelo Desenvolvimento e a apresentação evolutiva de novas medidas. A Carta da Terra, segundo Ribeiro (2017), apresentada em Haia, Holanda, em 2000, e apoiada por mais de 6000 entidades, governamentais e internacionais, é o documento que melhor consegue promover a relação entre democracia e paz, ecologia e justiça social evidenciando uma visão radical da sustentabilidade, devido à sua construção política não governamental.

O conceito de Desenvolvimento Sustentável consegue assim, num reduzido espaço de tempo, ser um fator a levar em consideração nas decisões, governamentais ou privadas, que interagem com a vida social e o meio ambiente. Este movimento é fortemente fundamentado e inclui as medidas a seguir para alcançar o objetivo, fazendo com que os indivíduos se identifiquem com a sua causa ambiental, alterando por completo os seus hábitos de alimentação, vestuário, locomoção, dependência de energias fósseis, entre outros. Na atualidade, é relevante o número de organizações e grupos sociais que lutam pela preservação do meio ambiente, pela harmonia entre o ser humano e o mundo natural ao qual ele pertence, sendo o movimento de Transição, em boa medida, um exemplo dessas iniciativas.

Contudo, no olhar crítico do autor, o Desenvolvimento Sustentável, com todas as suas medidas de implementação, de protocolos assinados, de todos os compromissos assumidos não foi capaz de alterar o desenvolvimento capitalista, uma vez que “não só funciona muitas

vezes como recurso retórico dos políticos (Spindler, 2013), como foi capturado pelas grandes empresas multinacionais (Latouche, 2009a), logo subordinado a lógicas mercantis” (Ribeiro, J. B., 2017, p.127). Um exemplo relevante é a política da Responsabilidade Ambiental, designada pelo Decreto-Lei n.º 147/2008, de 29 de julho (Diploma da Responsabilidade Ambiental), alterado pelos Decretos-Lei n.os 245/2009, de 22 de setembro, 29-A/2011, de 1 de março, 60/2012, de 14 de março, e 13/2016, de 9 de março, no qual se estabelece o regime jurídico da responsabilidade por danos ambientais e transpõe para a ordem jurídica interna a Diretiva 2004/35/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 21 de abril, que aprovou, com base no princípio do poluidor-pagador, o regime relativo à responsabilidade ambiental aplicável à prevenção e reparação dos danos ambientais, com as alterações que lhe foram introduzidas pelas Diretivas 2006/21/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 15 de março, relativas à gestão dos resíduos de indústrias extrativas (Jornal Oficial da União Europeia, 2006), 2009/31/CE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 23 de abril, relativa ao armazenamento geológico de dióxido de carbono (Jornal Oficial da União Europeia, 2009), e 2013/30/UE do Parlamento Europeu e do Conselho, de 12 de junho, relativa à segurança das operações offshore de petróleo e gás. (Jornal Oficial da União Europeia, 2013).

É neste contexto que o Decrescimento procura ir mais além do que foi a tentativa, fracassada, do Desenvolvimento Sustentável encontrar soluções para alterar o modelo de sociedade capitalista,

Ou seja, não sendo o desenvolvimento sustentável capaz de superar os problemas fundamentais provocados pelo capitalismo, há um outro debate teórico e político que tem por base uma rutura radical com o produtivismo, a competição e o crescimento: é o debate em torno do decrescimento, a bem dizer tão velho como as próprias teses do desenvolvimento sustentável. O decrescimento vai muito para lá das questões ambientais, implicando as suas propostas alterações nos modos de vida dos cidadãos, na cultura e na política; quer dizer, exige a construção de uma sociedade radicalmente diferente e livre das peias do produtivismo e do consumismo – “o compro, logo existo” de Bauman (2007) –, desde há muito criticados por, entre outros, Illich (1973) e Gorz (1997). (Ribeiro, J. B., 2017, p.127)

Como acontece com a apresentação de medidas a implementar para o Desenvolvimento Sustentável, também no Decrescimento são propostas medidas e alterações no comportamento humano de forma a travar o modelo de Desenvolvimento a que está sujeita a humanidade. No entanto, segundo o autor, estas medidas não são apresentadas por organizações governamentais, mas sim por intelectuais, que de uma forma ou de outra seguem a mesma linha de pensamento, a necessidade de uma transformação radical na sociedade. Aqui, o autor menciona nomes como Latouche (2009a), que apresenta as medidas dos oito “R”, sendo os principais a considerar Reavaliar, Relocalizar e Reduzir; Ramonet (2000, pp. 6-7), que defende que se deve “atribuir a cada cidadão um rendimento mínimo, desde o nascimento e sem conexão com a sua condição familiar ou profissional. [...] Trata-se de substituir o princípio de um rendimento para existir pelo princípio do rendimento porque se existe” (Ribeiro, J. B., 2017, p.136); Veblen (1970), que afirma que os países em desenvolvimento, como em África, devem “romper com a dependência económica e ideológica em relação aos países centrais, procurando soluções locais e regionais, nomeadamente no domínio agrícola e industrial, que contribuam para a relocalização das atividades económicas e o incremento da autonomia em relação aos países centrais, tendo

como objetivo concretizar uma vida melhor para todos”, também descrito por Frei Betto em relação aos países da América Latina porque estes “não conseguem fugir da equação que associa qualidade de vida e crescimento económico segundo a lógica do capital. Enquanto não socializa culturalmente a proposta indígena do bem viver, para a grande maioria viver bem será sempre sinónimo de viver melhor em termos materiais (Betto, 2014, p.13, citado em Ribeiro, J. B., 2017, p.137).

É neste contexto que o movimento de Transição surge como uma forma de Decrescimento, onde é nos seus princípios fundamentais que se entendem formas de decrescimento, como a partilha do conhecimento adquirido, em contraste com o conceito de concorrência que alimenta o capitalismo; a promoção da inclusão e a justiça social de forma a travar o individualismo e as desigualdades sociais; tratar localmente as necessidades da comunidade dando origem a uma economia sustentável; a redução da dependência energética dos combustíveis fósseis utilizando de forma sensata os recursos existentes; a prática de uma agricultura saudável; a capacidade de fazermos nós mesmos, como exemplo a Permacultura, entre outros. (TransitionNetwork, 2016). A Transição procura também, em todo o momento, orientar novamente o ser humano para a Natureza, enaltecendo os valores antigos esquecidos. O meio urbano é o palco desta orientação, onde iniciativas conseguem, de facto, criar verdadeiros “oásis” naturais nos centros citadinos. Uma outra área promovida pela Transição é a cultura, através da prática da celebração dos feitos conseguidos, da valorização do grupo e das capacidades individuais, fortalecendo com isso ainda mais as relações humanas.

Contudo, ao apresentarem soluções para a transformação de uma sociedade melhor, mais segura, respeitadora do meio ambiente, mais coesa, de inclusão e criação de emprego, de valorização pessoal, com menos carga horária, a Transição e o Decrescimento vão contra ao que já existe e, por isso, facilmente assumem um carácter utópico, uma vez que temas como a paz, a irradicação da fome e da pobreza se aparentam como problemas que nunca encontrarão um fim. É, no entanto, notório que este modelo de sociedade continue a prevalecer, mesmo face a todas as críticas ao desenvolvimento capitalista que apresentam fundamentos sólidos sobre como se trata de um sistema destruidor da humanidade e do meio ambiente por se focar apenas no aumento do lucro e das riquezas dos mais ricos relegando a condição de vida dos mais pobres para último plano, no qual a sociedade é regida em torno do consumismo e o ser humano não passa de um produto vendível. Por outro lado, é de igual forma notório o sentido que fazem as propostas e medidas de implementação ao Decrescimento, bem como os exemplos crescentes das iniciativas de Transição que, ao transformar uma comunidade, localmente, aliada a redes de contacto que se estabelecem, uma humanidade estagnada pode realmente mudar. Até porque o aumento das iniciativas que procuram transformar a sociedade são claramente um indicativo de que cada vez mais a sociedade busca e entende que só com uma transformação/irradicação do estilo de vida atual, capitalista, fazendo da utopia já uma realidade para que a humanidade consiga prevalecer no planeta como um ser pertencente à Natureza que o rodeia e faz parte é que será possível ter um futuro sustentável.

Todas estas formas de tentativas organizacionais da sociedade demonstram que ela própria se encontra em constantes estados de processos evolutivos sendo necessário a procura de sempre encontrar as melhores formas de acompanhar esta evolução social. A forma organizacional do Capitalismo, é sem dúvida a forma que mais impulsionou a evolução humana para as condições em que hoje vivemos, a nível de saúde, economia, comunicação e lazer. Contudo o

Capitalismo encontra a sua missão em torno de um lucro obtido pela destruição do ambiente, por uma concorrência que a todo o momento introduz produtos novos no mercado de modo a que o consumismo excessivo prevaleça, tornando o próprio ser humano “escravo” da sua constante alimentação.

Sem meias palavras, o capitalismo é um sistema parasitário. Como todos os parasitas, pode prosperar durante certo período, desde que encontre um organismo ainda não explorado que lhe forneça alimento. Mas não pode fazer isso sem prejudicar o hospedeiro, destruindo assim, cedo ou tarde, as condições de sua prosperidade ou mesmo de sua sobrevivência. [...] Hoje, quase um século depois de Rosa Luxemburgo ter divulgado sua intuição, sabemos que a força do capitalismo está na extraordinária engenhosidade com que busca e descobre novas espécies hospedeiras sempre que as espécies anteriormente exploradas se tornam escassas ou se extinguem. E também no oportunismo e na rapidez, dignos de um vírus, com que se adapta às idiossincrasias de seus novos pastos. (Bauman, Z., 2010)

Com isto, tendem a surgir novas formas organizacionais capazes de simultaneamente conseguir garantir a evolução tecnológica, que permite as condições em que hoje vivemos, e a evolução humana no que diz respeito ao ser social e em harmonia com o meio ambiente, por exemplo, o Desenvolvimento Sustentável, o Decrescimento e a Transição. Estas outras formas organizacionais demonstram a vontade de núcleos sociais acreditarem e promoverem a mudança social, que existem outras formas de garantir a sobrevivência da Humanidade, a preocupação da necessidade de substituir um regime Capitalista que está a degradar o ambiente a um ritmo desenfreado e que cada vez mais aumenta as diferenças sociais.

2. CARACTERIZAÇÃO DAS POTENCIALIDADES DA ÁREA DO MUNICÍPIO DE VIZELA

A escolha do concelho de Vizela surge por afinidade territorial como também por ser um território onde o conceito de Transição ainda não foi apresentado, em que pelas características do concelho, sociais e ambientais, este apresenta condições favoráveis à sua implementação, sendo uma das suas características o seu reduzido espaço territorial e população em comparação a outros concelhos do país. Assim, é pretendido fazer dele um projeto piloto com o intuito de conseguir demonstrar que a Transição pode alterar o estilo de vida de toda uma comunidade, apresentando-se este como o principal objetivo deste projeto.

2.1. Características Físicas e Sociais do Concelho de Vizela

A Transição é um movimento capaz de ser implementado em qualquer local e tipo de sociedade, em que a forma de ação vai estar diretamente ligada às características que cada comunidade tem em relação ao local onde está inserida. Ao longo do tempo a população de um dado local adapta-se e adquire estratégias de fixação capazes de moldar o seu estilo de vida e a sua cultura, em relação às características físicas que o local onde se encontra oferece. O movimento de Transição surge como uma ferramenta para uma melhor adaptação às práticas de vivência, no intuito de melhorar a sustentabilidade ente o Homem e a Natureza, em que a Transição está sujeita a constantes mudanças no seu modo de intervir, tendo sempre em consideração os seus princípios, que são os alicerces do movimento de Transição (TransitionNetwork, 2016).

O concelho de Vizela é colocado, neste trabalho, como objeto de estudo na possibilidade da implementação do movimento de Transição na sua comunidade, em que se procura avaliar até que ponto o movimento poderá receber uma boa aceitação por parte da população local na tentativa de conseguir o maior número de cidadãos ativos no movimento, em que o termo “ativos” não quer obrigatoriamente dizer participativos no movimento no que diz respeito á elaboração de iniciativas ou tornar-se parte integrante de um grupo de trabalhos, mas sim que é ativo na prática da Transição. Neste sentido procura-se identificar as características físicas do concelho de Vizela, enquadrado, também, no vale do Ave, bem como as características da sua população, no decorrer do tempo, a nível cultural, económico, a sua relação com o meio ambiente, entre outros. A pesquisa para esta identificação de características estende-se a todos os trabalhos possíveis realizados sobre o concelho de Vizela e suas freguesias, estes serão um importante instrumento de trabalho a ter em conta na avaliação da implementação do movimento, uma vez que podem revelar dados positivos, a considerar, e negativos, a evitar. O estudo das características da população vizelense mostra-se essencial, para que, a implementação da Transição possa acontecer da forma mais natural possível, em que a população se sinta até familiarizada com o conceito e a necessidade da sua implementação. Na atualidade o concelho de Vizela, além de estar inserido na sua totalidade num vale próprio, faz parte do vale do Ave, pertencente à N.U.T.S. II do Norte, em particular à N.U.T.S. III do Ave. O seu território estende-se por uma área de 24,7 km² (Monteiro, J., 2019). Fazem parte da sua constituição cinco freguesias, a União de freguesias de Caldas de Vizela (S. Miguel e S. João), Vizela (Santo Adrião), Infias, Santa Eulália e a União de freguesias de S. Paio e Tagilde, estando a sede de concelho situada na União de freguesias de Caldas de Vizela (Fonseca, 2014).

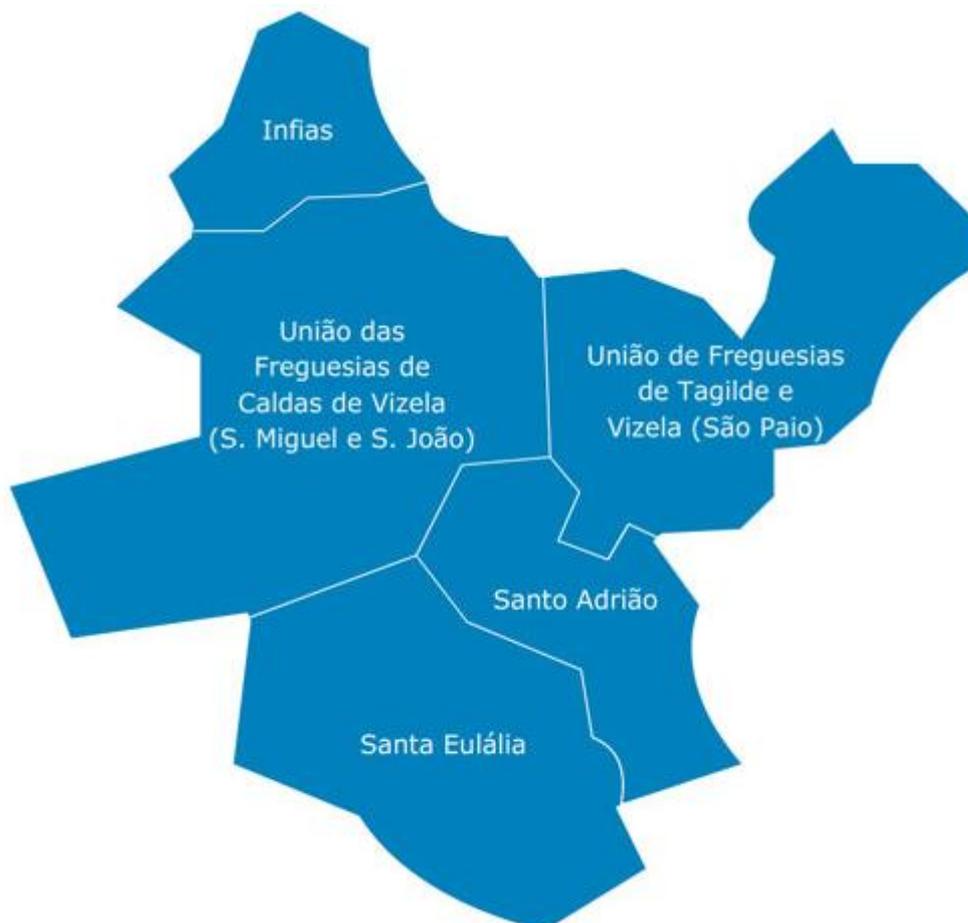


Figura 1. Mapa do Concelho de Vizela, identificando suas freguesias
Fonte: site da Câmara Municipal de Vizela

O vale do concelho de Vizela é marcado geologicamente pelas serras de Santa Catarina a Norte, que faz a separação natural entre o concelho de Vizela e o concelho de Guimarães, a serra do Calvelo a Sul, que divide naturalmente o concelho de Vizela dos concelhos de Lousada e Felgueiras. O monte de São Pedro a Oeste, que serve de fronteira natural entre o concelho de Vizela e o concelho de Santo Tirso (Silva, 2013), tem também a designação de Castro, que juntamente com o Castro de Vizela (Santo Adrião), também conhecido como Monte da Senhora da Tocha, o Castro de Infias, conhecido como Monte de Lujó, e o Cristelo de Santa Comba de Regilde, freguesia fronteira de Vizela (Santo Adrião), são também formas geológicas relevantes pertencentes ao concelho de Vizela (Silva, 2013).

O rio Vizela é um outro ator natural de elevada importância no concelho de Vizela, em que é dinamizador de numerosas atividades económicas e de lazer. O rio tem o seu início no concelho de Fafe na serra de Cabeceiras, e surge no concelho de Vizela vindo de Este e atua como uma barreira natural entre os concelhos de Vizela e de Felgueiras. Assume também a classificação de principal afluente do rio Ave, onde desagua as suas águas na margem esquerda do rio Ave em Caniços, local pertencente ao concelho de Santo Tirso (Silva, 2013). Um outro ator natural de importante relevância, juntamente com o rio Vizela, é o clima que se faz sentir na região do vale de Vizela, bem como em todo o vale do Ave. Registam-se temperaturas anuais amenas, com pequenas amplitudes térmicas de acordo com cada estação do ano, e forte pluviosidade térmica. Este tipo de clima deve-se ao concelho de Vizela estar inserido “numa região com afinidades mediterrâneas, mas com forte influência atlântica” (Monteiro, J., 2019). Estes dois atores naturais, juntamente com as características do solo, onde predominam as rochas graníticas, sedimentares e xistosas, são determinantes na qualidade dos solos, a nível de fertilidade, como da vegetação, florestas e vida animal existente em todo o concelho. A nível paisagístico o concelho assume características próprias e peculiares.

O concelho de Vizela apresenta uma paisagem difusa, em que é visível a mistura, não homogénea, entre o meio urbano e o meio rural, existindo manchas florestais significativas, bem como áreas agrícolas bem pronunciadas. Contudo é um concelho em que é perceptível, cada vez mais, a interrelação urbano-rural, existindo locais em que esta relação está tão bem disseminada que já não é possível diferenciar os dois conceitos (Alves, 2014).

A região do vale de Vizela vem sendo marcada pela prática agrícola desde os primórdios da sua ocupação territorial, aplicada sempre a uma forma de agricultura familiar. Esta forma de agricultura vem mais tarde aliar-se a novas formas de otimização dos recursos naturais, mais propriamente o rio Vizela, em que “Esta proximidade fez despontar o aparecimento de novos mecanismos e engenhos sobre o rio. Foram construídos açudes, comportas, mós e moinhos de cereais, azenhas, engenhos de azeite e de linho.” (Alves, 2014). É este avanço tecnológico, ainda que de forma artesanal, que vai ser a ponte “à implementação do têxtil e do algodão a partir do século XIX.” (Alves, 2014).

Tendo já uma identidade formada, sobretudo, pela exploração das “águas sulfurosas com particularidades terapêuticas das Caldas de Vizela”, que a Companhia de Banhos de Vizela

iniciou em 1873, em que “com a chegada do comboio, em 1883” (Alves, 2014), vai conseguir tirar ainda maior partido dessa exploração, é a partir dos anos 50 do século XX que a região do vale de Vizela, juntamente com a região do vale do Ave, através da influência da industrialização têxtil, vem adquirir “uma certa individualidade e identidade socioeconómica e cultural” (Alves, 2014), chamando a si uma atenção, das suas reais potencialidades, que até á data passaram despercebidas.

A industrialização têxtil vem alterar, com a sua atividade, todo o mosaico desta região, do vale de Vizela e do vale do Ave. Como já referido, assiste-se a:

“uma paisagem difusa, [...] onde a dispersão é a nota dominante [...] na sequência de um modelo [...] explicável pelas vicissitudes de uma indústria que surgiu na continuidade de um artesanato disseminado pelas explorações agrícolas. O crescimento urbano disseminou-se pelos territórios rurais, acabando por destruir a tradicional dicotomia urbano-rural que perdurou durante séculos e absorveu a paisagem de forma descontrolada. Assim, a cidade deixou de se conter em si mesma, adquirindo uma forma dificilmente delimitada. O urbano e o rural opunham-se do ponto de vista morfológico, mas, simultaneamente, apresentavam uma importante complementaridade funcional.” (Alves, 2014)

Este avanço económico, no vale de Vizela, é um forte indicativo de como “As atividades económicas, assim como a geração do crescimento económico deste território manteve, desde sempre uma estreita dependência dos recursos naturais, quer pelo usufruto das águas termais das Caldas de Vizela, quer pela forte industrialização contígua aos principais cursos de água, tirando partido da força motriz e da irrigação subjacentes à água.” (Alves, 2014).

Um outro fator influenciado diretamente pela industrialização têxtil foi o aumento da população que “se justifica pelo aumento da taxa de natalidade e pela forte mobilidade interna, conseqüente do importante surto industrial, que faz Vizela tornar-se num núcleo polarizador, decorrente da bacia de emprego que se gerou pela multiplicação de unidades fabris que aí iam surgindo.” (Alves, 2014).

Na atualidade, pelos últimos dados do Instituto Nacional de Estatística, de 2011, o concelho de Vizela continha 23736 habitantes, com uma variação positiva de 18,6%, entre 1991 e 2011, e com, uma densidade populacional de 961 hab/km² (Fonseca, 2014).

É em torno de todo o historial sociocultural e socioeconómico que Vizela vem reclamar a si uma identidade própria, no sentido de, uma vez mais, se tornar concelho, facto que se vem a realizar a 19 de março de 1998. Desde a segunda atribuição do título de concelho até á atualidade, o concelho de Vizela apresenta inúmeras associações, o que demonstra a capacidade de união dos indivíduos em abraçar novas causas, que a todos pode ser benéfico.

De um modo geral, podemos concluir que a identidade do povo vizelense, a nível das atividades económicas, caracteriza-se pelo forte relacionamento com a agricultura, onde a agricultura familiar e de subsistência, associadas entre si abastecem mercados e comércio de rua, através da exploração do meio natural envolvente. De igual modo acontece com a exploração das águas sulfurosas que alimentam a indústria hoteleira/turística. A indústria têxtil, de vestuário, têxtil lar e do calçado, foi também um grande impulsionador económico na região, alterando toda a sua economia e estilo de vida.

A nível cultural a população do vale de Vizela assume características que advêm desde as primeiras populações, em que existiu a opressão causada pelos inúmeros reinados, e com isso

a constante instabilidade política, assistindo se também a uma “religião monoteísta-trinitária, centralizada e centralizadora, que só se poderia impor e manter pela opressão e pela intolerância” (Silva, 2013). Assim, neste contexto, a agricultura surge em boa medida, além de fator económico, como uma forma de expressão social mantendo até hoje “um papel na preservação de tradições milenares: festividades, cânticos, danças e dietas tradicionais.” (Oliveira, 2019). Outras festividades estão relacionadas com a religião, em que ao longo de todo o ano todas as freguesias pertencentes ao concelho de Vizela celebram datas importantes de acordo com o calendário cristão. Estas celebrações são também um forte indicador da união das pessoas, uma vez que para a celebração das mesmas todo o trabalho é realizado de forma voluntária por parte da equipa organizadora. A nível concelhio, ocorrem as Festas da Cidade, festas não religiosas, celebradas entre os dias 10 e 14 de agosto, que retêm o maior número participativo de populações, chamando a si gentes de terras vizinhas e nas quais são retratados os tempos antigos e feitas críticas à sociedade civil contemporânea.

A população vizelense assume, também, uma identidade acolhedora aquando a exploração das águas sulfurosas por parte da Companhia de Banhos de Vizela que vem permitir a implementação da hotelaria/turismo na região. Um outro aspeto marcante do povo vizelense é mostrar-se como um povo de luta, resiliente e de ideais, uma vez que sempre defendeu a sua própria identidade, quer a nível cultural como económico e administrativo, evidenciando um conflito aberto e constante com o antigo órgão administrativo ao qual pertencia (Câmara Municipal de Guimarães).

Um outro indicativo que demonstra a união da população vizelense é o facto de todas as freguesias que o constituem se apresentarem como freguesias periféricas em relação ao centro dos antigos órgãos administrativos aos quais pertenciam, onde o desenvolvimento económico e de serviços sempre tardaram em chegar. Assim as pessoas de uma forma ou de outra já se relacionavam, de forma ativa, na procura de interesses mútuos de forma a conseguir melhorar as condições de vida, em que a formação do concelho de Vizela só veio oficializar burocraticamente o que já acontecia á bastante tempo, que era a interação das freguesias entre si que hoje são as que formam o concelho de Vizela.

A nível de despoluição que mais une em relação ao ambiente, em rio Vizela era um espaço de convívio familiares e



Vizella | 1908 | Lavadeiras e crianças tomando banho no rio vizela

ambiental é a do rio Vizela os munícipes meio que outrora o usado como lazer e entre amigos.

Figura 2. Lavadeiras e crianças tomando banhos no rio Vizela (1908).
Fonte: https://3.bp.blogspot.com/--HS2otjJCWU/XwIXJot0HcI/AAAAAAACetU/KwP8IX6s-mMccnJcnfydDGDAoJgIfg3gCLcBGAsYHQ/s1600/IMG_20200705_050954.jpg

Neste empenho pela despoluição, que se intensificou a partir da chegada do fenómeno da industrialização a Portugal, chegando ao extremo do rio Vizela “Conforme conta a história, [...] com os seus afluentes, já foi considerado o rio mais poluído da Europa. A partilhar este título esteve igualmente o Rio Ave, onde o primeiro desagua. Portanto, no auge da indústria têxtil, estes rios eram usados como uma espécie de esgoto a céu aberto. Em muitas alturas as águas desciam até ao mar com cores exóticas fruto dos tóxicos para lá despejados.” (pplware, 2019. Robô que vigia o rio já apanhou 27 moradores a poluírem o Vizela). Sempre existiram pessoas e entidades empenhadas a demonstrar o seu descontentamento em relação a esta realidade, como exemplo a Associação de Mergulho e Atividades Subaquáticas de Vizela (AMAS) que promoveu várias vezes, junto dos habitantes, a limpeza do rio Vizela (Digital de Vizela, 2016). AMAS volta a limpar Rio Vizela este sábado. DIGITAL DE VIZELA – ddV), como também o atual executivo autárquico, que denunciou que “são diárias as descargas efetuadas por aquele equipamento, “com maior ou menor intensidade”, uma das quais, no último inverno, de “grande dimensão”, que levou a câmara a apresentar uma queixa-crime contra a Águas do Norte.” (Lusa, A. (2019). Câmara de Vizela responsabiliza ministro do Ambiente por poluição do rio. Observador), elevando ainda a responsabilidade ao Ministério do Ambiente.

Todos estes aspetos foram e são determinantes na caracterização da população vizelense, em que demonstra a sua resiliência em relação á sua identidade, mantendo-se abertos a novos conceitos desde que estes sirvam para um melhoramento do estilo de vida que a todos possa beneficiar.

O conjunto de todas estas características são vitais á forma como o movimento de Transição deve atuar, uma vez que estas assinalam fatores económicos, socioculturais e sócio-ambientais da população, podendo assim ser elaborado um projeto equilibrado e coeso que consiga ir de encontro às necessidades da população, assim como conseguir alinhar-se a projetos já existentes procurando deste modo soluções para os problemas mais graves.

2.2. O município de Vizela apresenta potencialidades para a implementação da Transição

Ao tentar se encontrar um local ideal para a implementação da Transição deparámo-nos com a necessidade de ter em conta as potencialidades de um determinado território. De um modo geral, o local mais indicado para realizar sessões de esclarecimento, apresentação de filmes, debates, será um local mais centralizado, neste caso situado na cidade de Vizela. Todos os outros locais serão escolhidos de acordo com a estratégia a usar nas iniciativas para um dado local. Por exemplo, a Vila de Santa Eulália é mais propício a vendas de rua, agricultura, etc.; a

freguesia de Santo Adrião está mais voltada para o turismo, a gastronomia, alojamento, etc. Nesse sentido, ao existirem vários locais com iniciativas diferentes poderá acontecer a Transição disseminada por todo o território podendo envolver um maior numero de pessoas, devido às diferentes temáticas, tocando grupos de específicos em cada local e com isso estar mais próximo da zona de habitação de cada individuo. Sendo o concelho de Vizela um território de pequenas dimensões facilmente por todo o concelho o movimento de Transição poderá ser implementado e observado ao mesmo tempo, podendo assim obter uma resposta mais rápida no sentido de perceber a aceitação da população ao movimento.

3. ENQUADRAMENTO ECONÓMICO

O concelho de Vizela economicamente pode ser caracterizado em dois diferentes níveis, de acordo com as diferentes áreas económicas atuar no momento. Um primeiro nível será a área do Turismo, que é sem dúvida a que mais realça o nome do Concelho de Vizela além-fronteiras, que aliado há Hotelaria e há Restauração, são os agentes que mais dinamizam e promovem a vinda de cidadãos, nacionais e internacionais, ao concelho de Vizela. Este primeiro nível pode não ser o que mais favorece economicamente o concelho de Vizela, uma vez que é praticado essencialmente por visitantes existindo sempre o risco da expectativa das visitas ser inferior à esperada. Um segundo nível, e este sim praticado por todos os habitantes do concelho, serão todas as outras formas de economia existentes, desde os serviços como o centro de saúde, as oficinas mecânicas de veículos, clínicas de saúde pública, clínicas veterinárias, correios, ginásios, cabeleireiros, piscinas; os locais de vendas como hipermercados, lojas de rua, papelarias, drogarias, talhos, bombas de combustível, o mercado municipal, associado á prática da agricultura presente no concelho por produtores e outros pequenos produtores associados á agricultura familiar; e a indústria, em boa medida, em torno da indústria têxtil e do calçado. Assim com a economia praticada em todo o concelho de Vizela, por todos os seus habitantes, esta consegue satisfazer todas as necessidades dos seus habitantes por completo, em que consegue salvaguardar a todos os níveis essas mesmas necessidades.

É, de facto, notório que, através da rede de serviços que o concelho de Vizela apresenta, consegue também satisfazer até as necessidades de milhares de habitantes de outros concelhos vizinhos, como Guimarães, Felgueiras e Santo Tirso, em que “Vizela, por questões de proximidade, serve, ainda, mais freguesias de outros concelhos, que utilizam vários dos seus serviços, designadamente serviço de finanças, serviço de segurança social, notário, conservatória, correios, centro de saúde, entre outros, o que significa que, diretamente, e por estas freguesias se encontrarem mais próximas do centro de Vizela do que do centro das respetivas sedes de concelho, Vizela serve, ainda, mais 23.048, perfazendo, assim, um total de 47.048 habitantes diretamente servidos pelo concelho de Vizela” (Fernandes, A. (2019). Presidente da Câmara reúne amanhã com grupos parlamentares).

Contudo a economia praticada no concelho de Vizela segue a linha de pensamento da economia mundial, num ideal capitalista, servindo o lucro a qualquer custo e uma concorrência desenfreada, em que um dos intuitos deste projeto é conseguir implementar a Transição ao mais baixo custo possível, uma vez tratar-se também de um movimento alternativo ao sistema económico existente, onde o objeto de estudo passa também por avaliar

até que ponto pode uma sociedade ser transformada e transformadora a custo zero ou quase nulo.

Neste projeto não será possível a tentativa de criação de um mercado local, como irá ser mencionado nos objetivos, uma vez que, para tal, é necessária uma rede social muito bem definida e organizada, e para esse efeito será necessário um período de tempo que só pode ser quantificado de acordo com o avanço do movimento em si, juntamente com a forte solidificação das relações interpessoais. No entanto será um dos objetivos a ser traçado nas iniciativas do movimento, em que a criação de um mercado local, através do associativismo, irá exercer um confronto direto ao capitalismo agora praticado.

3.1. Diagnóstico BOS (Blue Ocean Strategy)

O Diagnóstico BOS (Blue Ocean Strategy) surge como uma forma inovadora de pensar o planeamento estratégico, difundida através da publicação “A Estratégia do Oceano Azul: Como criar novos mercados e tornar a concorrência irrelevante”, de Kim e Mauborgne (2005). Com base neste conceito de estratégia o presente projeto procura fazer frente a qualquer tipo de concorrência existente, podendo até ser um forte fator ao encerramento de alguns estabelecimentos, uma vez que a forma de não existirem custos através da tentativa de implementação da troca direta de serviços e bens dentro da rede de contatos. Contudo o possível encerramento de estabelecimentos pode ser um maior incentivo ao associativismo comercial, que por sua vez diminui também a concorrência de forma direta. Com isto o Diagnóstico BOS atua como um fator para um Decrescimento sustentável.

O conhecimento do tipo de economia presente no concelho de Vizela é uma mais valia para pensar novas formas de economia a implementar dentro do concelho de maneira a conseguir uma economia circular e sustentável que possa favorecer o nível de vida de toda a população.

4. ENQUADRAMENTO ECOLÓGICO

A Transição vem promover a sustentabilidade ambiental, o que também está estabelecido como um dos seus pilares, na medida em que pelas iniciativas até hoje criadas, todas elas apresentam um papel importante no combate à poluição, a todos os seus níveis, ao decrescimento, evitando ao máximo a produção excessiva em todos os sectores produtivos, ao capitalismo, exercendo praticas de mudança nos hábitos atuais de obtenção de serviços e produtos, à forma stressante que vivemos, diminuindo os ritmos do nosso quotidiano. Todos estes fatores em conjunto promovem uma qualidade de vida melhor através da alimentação, saúde e bem-estar, do aumento do tempo de qualidade com a família e da vida social. Desta forma todos estes fatores acabam por estar diretamente interrelacionados com a natureza que nos envolve e á qual somos pertencentes (Engels, 1978, p. 183), uma vez que nunca iremos ter qualidade de vida sem um ambiente cuidado, despoluído e integrante no seio da comunidade.

É neste último pensamento que o concelho de Vizela, ao conter manchas florestais e ser atravessado pelo rio Vizela apresenta características únicas que em boa medida podem ser promotoras de iniciativas para a Transição, podendo enquadrar iniciativas de caráter económico, lazer e bem estar, e turístico e ambiental.

5. METODOLOGIA

Este projeto terá como base a metodologia qualitativa, em que pelos métodos a serem aplicados é pretendido adquirir o conhecimento qualitativo das formas organizacionais presentes no concelho de Vizela no sentido de encontrar soluções alternativas às já existentes, com o intuito de toda a população beneficiar das soluções encontradas. Os métodos escolhidos para a recolha de dados serão através da aplicação de entrevistas exploratórias junto das associações já existentes no concelho e posteriormente a elaboração de um questionário a ser distribuído por todo o concelho. Em relação ao tipo de metodologias escolhidas de modo a conseguir definir medidas e estas serem implementadas este projeto recorrerá às metodologias de investigação-ação, brainstorming e à análise SWOT, em que:

- Entrevistas exploratórias: será realizada a elaboração de entrevistas exploratórias junto das associações já existentes no concelho, procurando as que de certo modo são as mais emblemáticas para a população, com o intuito de perceber a dinâmica dessas associações com a população, e até que ponto estão dispostas a participar num conceito novo, como a Transição, e também tentar perceber através do feedback que elas já possuem do conhecimento em relação à participação da comunidade perante as iniciativas que promovem se o novo conceito será alvo de uma participação ativa.

- Questionário: será posteriormente desenvolvido a realização de um questionário a nível municipal com o intuito de perceber até que ponto o conceito da Transição pode funcionar, e/ou os locais dentro do concelho onde melhor pode funcionar e de que forma. A elaboração deste questionário a nível concelhio torna-se assim essencial ao projeto no sentido de tentar apurar, de uma forma simples, o número de indivíduos que estariam dispostos, numa primeira fase, abraçar o movimento da Transição, percebendo também em paralelo qual os melhores locais à sua implementação ou os locais que poderão funcionar ao mesmo tempo com diferentes iniciativas.

- Investigação-ação: esta metodologia estará sempre presente no projeto, desde o início da recolha de dados, à elaboração de iniciativas e posteriormente na sua implementação e na análise de dados obtidos. Isto acontece porque tratando-se de uma investigação-ação este método irá estar em constante renovação, do modo a conseguir corrigir o mais rápido possível lacunas que possam surgir a qualquer momento. Neste tipo de método os indivíduos ao mesmo tempo que decorre a investigação conseguem também implementar diretamente no terreno as soluções que vão encontrando, em que ao praticar a investigação os indivíduos fazem parte da própria ação, sendo dinamizadores da mesma.

- Brainstorming: esta técnica de recolha de informação usada para explorar ideias sobre um determinado tema nas mais diversas áreas e organizações (Patel, N., 2020), pode ser realizada em grupo ou individualmente, em que neste projeto será realizada em grupo, uma vez que promove mais ideias de iniciativas, que rapidamente são debatidas pelo grupo e aperfeiçoadas, como também dinamiza o fortalecimento do grupo e das redes.

- Análise SWOT: esta análise permite-nos elaborar um reconhecimento das forças e fraquezas de uma organização no que diz respeito aos fatores internos e externos (Casarotto, C., 2019). Neste projeto a análise SWOT, ao funcionar como autoavaliação, permitirá redefinir novas estratégias dentro do grupo principal e grupos de trabalhos, de forma a que estes possam sempre permanecer fortes nos ideais e nas relações interpessoais, e na implementação das iniciativas, em que a qualquer momento elas possam ser redirecionadas

para que se consiga cumprir com o objetivo inicialmente traçado.

A escolha do tipo de metodologia vai sempre de encontro ao tipo de trabalho que se pretende realizar. O presente projeto encontra nos métodos metodológicos da entrevista, questionário, investigação-ação, brainstorming e análise SWOT a melhor forma de recolha de dados e de elaborar medidas a serem posteriormente implementadas. Contudo as metodologias apresentadas a qualquer momento poderão sofrer algum tipo de alteração podendo até ser introduzidas outro tipo de métodos, uma vez que, o movimento de Transição está em constante procura de formas que encontrem possíveis soluções às problemáticas existentes.

6. OBJETIVOS DO MOVIMENTO VIZELA EM TRANSIÇÃO

Os objetivos da implementação da Transição em Vizela assumem características exploratórias. O principal objetivo atingir será, numa fase inicial, a tentativa de disseminação por toda a comunidade concelhia do conceito da Transição. Pretende-se que toda a comunidade seja ativa no seu movimento. Seja capaz de transformar e unificar toda uma comunidade num novo paradigma de vida, retomando práticas ecológicas tradicionais, de forma a ser o mais sustentável possível, a nível social e económico, promovendo as relações dialógicas intergeracionais e o respeito pela biodiversidade ambiental.

Para que este principal objetivo seja capaz de ser alcançado, seguem abaixo outros mais específicos:

- Implementação da Transição em Vizela: a implementação da Transição em Vizela surge como uma oportunidade de mais uma comunidade se tornar mais participativa na mudança de paradigma de vida. Como ainda não existe nenhum tipo semelhante de iniciativa em Vizela, esta apresenta um público alargado passível de aderir à proposta da transição.

- Associativismo: o objetivo do associativismo é o de conseguir fazer chegar mais rapidamente o conceito da Transição á comunidade e com isso a adesão de indivíduos para a formação do grupo de Transição. Para este efeito, a colaboração das associações já existentes será essencial. As associações, numa lógica de trabalho em rede e em parceria, poderão alargar o grau de influência do movimento influenciando um círculo maior de indivíduos. Esta colaboração entre as associações pode criar uma rede ativa de contatos, disseminar a resiliência comunitária. O intuito da Transição não é ser mais uma associação entre outras, mas um movimento em rede de associações, na medida em que as próprias associações poderão desenvolver as suas iniciativas autónomas.

- Rede de contactos: a criação de uma rede de contatos terá o intuito de formar uma rede de serviços capaz de estabelecer a melhor relação entre os contatos no sentido de gerar uma economia sustentável que beneficie todos. Ou seja, a partir dos contatos gerados pelas associações será possível apoiar uma economia baseada nos produtos locais e na economia circular. A população terá acesso a produtos mais saudáveis a preços eventualmente mais reduzidos e de maior qualidade. A criação da rede de contatos passa também pelo associativismo comercial, em que se pretende que vários empresários/indivíduos possam ter oportunidades de negócio junto com outros indivíduos de forma a que exista uma economia circular sustentável. Da economia circular também é esperado o combate à produção excessiva de produtos e a procura na preservação do ambiente diminuindo ao máximo o

impacto ambiental e a poluição.

- Educação: através da educação social e ambiental pretende-se alterar mentalidades sobre a vida social e a interação com o meio ambiente criando uma melhor harmonia social e sócio-ambiental. Nesta linha de pensamento, pretende-se chegar a todas as faixas etárias elaborando planos de acordo com cada segmento para que seja mais fácil compreender e aceitar as possíveis mudanças comportamentais.

- Iniciativas: o objetivo das iniciativas é desenvolver a criatividade individual e em grupo. A criatividade surge como que uma ferramenta de trabalho bem como um fator de valorização pessoal e em grupo, na procura de soluções até a data nunca pensadas.

- Tempos de celebração: pretende-se enriquecer as relações sociais pelo trabalho alcançado, onde o celebrar a realização de um objetivo tem o intuito de fortalecer as relações interpessoais e encorajar ao mesmo tempo o traçar de novos objetivos bem como terminar os já delineados.

Os objetivos acima mencionados permitem a concretização global do objetivo principal: implementar a nível concelhio o movimento da Transição, conseguir transformar, em certa medida, uma comunidade no sentido do melhoramento do seu estilo de vida.

7. O PROJETO VIZELA EM TRANSIÇÃO

Neste capítulo é pretendido apresentar os passos a seguir para a elaboração do Projeto Vizela em Transição. De salientar que os procedimentos abaixo indicados baseiam-se em toda a informação recolhida. Seguem os procedimentos mais adequados por ordem cronológica.

1. Formação do grupo de direção.

Escolha de indivíduos de confiança e com experiência que conheçam profundamente o conceito de Transição e mostrem motivação para a sua implementação em Vizela, podendo ser residentes no concelho de Vizela ou nas cercanias (podem ser pessoas que embora trabalhando em outros concelhos tenham ligações e disponibilidade para cooperar com o projeto). A primeira etapa procurará chamar ao movimento de Transição em Vizela os indivíduos que serão a base da construção do movimento. A escolha dos participantes tentará reunir um número razoável de indivíduos que manifestem interesses e competências em diferentes áreas, como a agricultura sustentável, marketing social, ecoturismo, educação ambiental, alimentação saudável, etc.

2. Identificar as características de Vizela e as suas potencialidades.

O concelho de Vizela apresenta uma dimensão territorial pequena quando comparada com a maioria dos restantes concelhos de Portugal, com um número de habitantes a rondar os 24000 indivíduos (Wikipedia, 2021). É um território que permite relações de interconhecimento, fortalecendo a rede social. Apresenta também um rio, o rio Vizela, e manchas florestais, de áreas significativas, que em boa medida são a base de ecossistemas próprios. O aspeto ambiental pode favorecer a implementação da Transição. No concelho existem também associações num número considerável, sinal de uma maior participação dos habitantes nas questões da cidadania. Uma outra característica positiva consiste na prática da agricultura

familiar e de proximidade. Exemplo: o cultivo de hortas familiares, presente por todo o concelho, um fator promotor de ligações em rede.

Este conjunto de características será reforçado com a partilha dos conhecimentos de todos. O conhecimento das características do território onde será implementado o movimento assume um papel fundamental, uma vez que serão essas mesmas características que irão ditar as medidas/iniciativas a realizar/elaborar. O movimento de Transição procurará, também, estar sempre atualizado pelo surgimento de novas características, que demonstrem ter mudanças permanentes no estilo de vida da população do Concelho de Vizela, no sentido de conseguir tirar o melhor partido dessas mesmas alterações introduzindo ou alterando medidas/iniciativas.

3. Brainstorming sobre iniciativas a realizar.

A técnica do brainstorming (tempestade de ideias), sendo bastante utilizada nas Ciências Sociais, é indicada para recolher ideias inovadoras. Todos deverão apresentar as suas ideias de forma a poder filtrar as que melhor se enquadram no modelo de Transição. Numa primeira fase, apenas participará o grupo fundador. Com esta atitude, espera-se conseguir delinear melhor os objetivos pelo qual o movimento se deve orientar. Entende-se assim que será mais positivo ser o grupo inicial a estabelecer os objetivos atingir inicialmente, uma vez que, tendo em conta a experiência de outros movimentos de transição, os conflitos tendem a surgir. Assim, após a constituição do grupo de direção e de um plano inicial já definido, os novos elementos ao aderir ao movimento irão deparar-se com um grupo já organizado e preparado para acolher novas ideias. Neste sentido a técnica de brainstorming estará sempre revitalizada por novas ideias sem nunca menosprezar a autonomia individual.

4. Divulgação do movimento Vizela em Transição no concelho.

Será uma primeira aproximação á comunidade, inspirada num plano de Marketing, em colaboração com empresas de publicidade e órgãos de comunicação social, como a Rádio Vizela, de forma a divulgar o movimento pelos habitantes de Vizela, usando uma linguagem fácil, direta e assertiva. Com esta atitude, espera-se despertar a curiosidade dos habitantes sobre algo novo que vai acontecer que irá ser benéfico para todos, em que todos poderão ser participativos nessa mesma mudança. Uma informação que consiga influenciar o maior número possível de habitantes.

5. Criação dos grupos de trabalho.

A criação dos grupos de trabalho será realizada assim que a direção esteja formada e organizada e após a primeira divulgação do movimento Vizela em Transição. Os grupos de trabalho serão formados para possibilitarem uma maior diversidade. É feito de forma voluntária, não sobrecarregando as mesmas pessoas. Uma vez criados, os grupos de trabalho poderão atuar de forma autónoma, elaborando iniciativas tendo em conta os seus objetivos

mais específicos e concretos. Contudo estarão sempre sob o olhar crítico do grupo coordenador, que estará atenta a que cada grupo não se afaste dos princípios que fundamentam a Transição. Os grupos de trabalho surgem também como um ator importante no fortalecimento das relações interpessoais, uma vez que ao pertencerem a um dado grupo de trabalho os indivíduos partilham dos mesmos interesses, mantendo a mesma linha de pensamento, fazendo os esforços necessários para que os objetivos propostos se cumpram. Um dos objetivos dos grupos de trabalho é conseguir, também, estabelecer o maior número de relações possíveis criando com isso uma vasta rede de contatos que consiga atingir diferentes níveis sociais. A criação dos grupos de trabalho, bem como a criação da rede de contatos, estará, em boa medida, dependente da cooperação com as associações já existentes no concelho de Vizela, em que se procurará junta delas, e através delas, enriquecer e fazer mais forte o movimento Vizela em Transição.

6. Análise SWOT.

Neste ponto, será necessário fazer uma análise SWOT, reconhecer internamente os pontos fortes e os pontos fracos de uma organização (Patel, N., 2020) para, através da sua interpretação, alterar a qualquer momento as estratégias definidas para atingir os objetivos propostos se assim for necessário. Assim, neste projeto os pontos fortes, iniciais, serão as características de Vizela já apresentadas, bem como as iniciativas a serem elaboradas, tendo em conta a motivação dos seus participantes. Os pontos fracos serão o tempo que as iniciativas podem demorar a apresentar resultados, o baixo número de adesões à participação no movimento e a possível saída de membros que foram protagonistas em momentos importantes do movimento, como os membros de direção ou os indivíduos que conceberam as iniciativas, bem como por indivíduos que posteriormente percam o interesse ao movimento. De salientar que a análise Swot surge neste ponto 6 da ordem cronológica mas poderá eventualmente acontecer mais cedo.

7. Brainstorm nos grupos de trabalho.

Como anteriormente foi realizada no grupo inicial, esta técnica será também realizada nos grupos de trabalho, em que será o ponto de partida para a elaboração de iniciativas.

8. Plano de Marketing.

O objetivo da elaboração do plano de Marketing é divulgar todas as ações do movimento Vizela em Transição. O plano Marketing poderá funcionar como um grupo de trabalho em concreto que trabalha para os outros grupos de trabalho, atuando em momentos precisos de forma a que as ações de cada grupo sejam divulgadas atempadamente, e das mais variadas formas possíveis, de modo a que toda a população tenha conhecimento dos eventos que irão acontecer com antecedência de maneira a conseguirem organizar a sua rotina para poderem participar nas atividades, ou poderá funcionar dentro de cada grupo de trabalho, em que o próprio grupo ao estabelecer um evento irá fazer a sua divulgação da mesma forma como se fosse um grupo independente. Desta forma a divulgação estará sempre garantida.

9. Tempo de Celebração.

A implementação do movimento Transição em Vizela, além de ter uma forma estruturante semelhante às demais associações residentes no concelho, pretende também implementar um tempo de celebração, em que a finalidade é o convívio entre os membros participativos sobre os objetivos alcançados sendo essas mesmas celebrações abertas a toda a comunidade no intuito de uma vez mais dar a conhecer um movimento que a todos pode beneficiar.

10. Cronograma.

A apresentação do cronograma abaixo indicado indica a duração do projeto que terá, como mínimo, a duração de um ano, sendo que o ideal de avaliação do projeto deve ser após dois anos do seu início, isto porque o objetivo deste projeto é conseguir fazer chegar a Transição a todo o concelho de Vizela, e, para perceber esta consciencialização e participação dos cidadãos, serão necessários pelo menos dois anos para entender se a Transição foi bem implementada sem a saída de membros e se mantém firme nos seus ideais. Assim, apresenta-se o seguinte cronograma, por ordem de trabalhos:

Etapas	2020			2021								
	Outubro	Novembro	Dezembro	Janeiro	Fevereiro	Março	Abril	Maió	Junho	Julho	Agosto	Setembro
Formação Grupo de Direção												
Características do Concelho de Vizela												
Brainstorm												
Elaboração de Objetivos												
Marketing												
Criação Grupos de Trabalho												
Análise Swot												
Tempo de Celebração												

Tabela 1. Cronograma das actividades do movimento Vizela em Transição

11. Resultados esperados.

Neste projeto, ao tratar-se de um guia orientador para a implementação do movimento de Transição no concelho de Vizela, os resultados esperados são meramente especulativos. Contudo, com a implementação do projeto, os resultados esperados são a própria implementação do movimento de Transição, a adesão dos habitantes em número considerável, quer estes sejam praticantes ativos nas iniciativas realizadas bem como pertencentes ao próprio movimento. O estabelecimento de uma rede de contatos é também um dos pontos chave nos resultados esperados, capaz de garantir uma estabilidade forte e duradoura no movimento e através dela poder ser possível a criação de uma economia circular sustentável que é em si um outro resultado esperado.

O presente projeto é concebido de modo, em um determinado espaço temporal, conseguir a introdução do conceito da Transição, e sua posterior implementação, no concelho de Vizela.

As etapas elaboradas são de carisma exploratório, uma vez que o próprio projeto segue também essa mesma linha de pensamento, e assumem ao mesmo tempo características provisórias e definitivas, em que serão provisórias porque podem ser alteradas a qualquer momento da evolução do movimento e definitivas no caso de o projeto conseguir ser levado avante e os seus atores queiram que essas mesmas etapas prevaleçam. Assim, os resultados esperados ficarão sempre á mercê do projeto, na medida de este ser tomado em conta e se formar o movimento de Transição no concelho de Vizela, como também podem obter diferentes resultados, uma vez que estarão diretamente ligados às iniciativas e etapas que o movimento possa optar por realizar.

8. ESBOÇO DA INICIATIVA A IMPLEMENTAR

Uma iniciativa a ter em conta poderia ser a elaboração de um grupo de trabalho que teria como finalidade a sensibilização ambiental. Esta sensibilização poderia ser realizada através de outdoors, workshops sobre reciclagem e reutilização dos materiais, educação ambiental, conferências com convidados de renome, entre outras abordagens de modo a conseguir atingir o público alvo. Através da sensibilização ambiental será esperada a mudança comportamental em relação a hábitos que em muito prejudicam o meio ambiente, em que esta sensibilização poderá ser articulada junto com o órgão de soberania local, na tentativa de também este intervir na preservação do ambiente, como exemplo a colocação de caixotes do lixo nas ruas com espaçamentos mais reduzidos entre si, como também pode ser articulada com as escolas, por exemplo na realização de workshops, e até mesmo na introdução de hábitos alimentares mais saudáveis nas cantinas escolares. Uma outra abordagem da sensibilização poderia ser a interação junto do tipo de agricultura familiar e com pequenos agricultores, de modo a conseguir realizar uma prática de cultivo biológica, sendo mais saudável e protetora do meio ambiente.

Esta iniciativa é apresentada como um simples exemplo como a Transição pode ser implementada, de maneira a alterar as mentalidades dos cidadãos em relação com o seu estilo de vida e a sua interacção com o meio ambiente.

CONCLUSÃO

O presente trabalho apresenta-se como um guia de carácter exploratório para a implementação do movimento de Transição no concelho de Vizela. Para tal, foi recolhida informação sobre os diferentes enquadramentos em que a população do concelho se insere, sendo eles os enquadramentos económico, social e ecológico. A elaboração deste projeto está também alinhada com os princípios da Transição que ocorre a nível mundial (Transition Network), compreendendo princípios fundamentais de modo a que as diferenças sociais e a exclusão social tenham o menor impacto possível no seu interior, do mesmo modo que através deles se procura proporcionar oportunidades de negócios, na tentativa de criar uma economia circular sustentável em que todos possam lucrar desses investimentos, aumentando, através da resiliência das suas ações, as relações intersociais, afirmando cada vez mais a territorialidade das comunidades onde o movimento está inserido. As iniciativas presentes em Portugal e por

todo o mundo refletem a crescente preocupação de pensar o estilo de vida atual repensando a economia, a interação com o meio ambiente e a sustentabilidade da nossa própria existência. São inúmeras as iniciativas realizadas bem como os patamares sociais em que elas fazem a diferença, demonstrando assim a capacidade criativa dos atores da Transição fazerem chegar as mudanças comportamentais a todos os níveis da sociedade, e com isso mesmo comprovar que é possível encontrar soluções alternativas face às mesmas problemáticas.

No trabalho é também feita a comparação entre a Transição e Inovação Social, em que ambos os conceitos partilham princípios idênticos e procuram através da criatividade dar soluções aos problemas reais. A Transição é também referida como uma forma de Decrescimento, uma vez que através das iniciativas, que promovem a resiliência e a territorialidade, acaba por fazer um ataque direto ao sistema atual, o Capitalismo. Em relação ao enquadramento económico e ecológico entende-se, através do trabalho elaborado, que o concelho de Vizela apresenta condições favoráveis á implementação de uma economia circular sustentável, em que o concelho contém já uma estrutura económica capaz de satisfazer toda a população, bem como as características ambientais revelam existir condições para uma ótima interação com o meio ambiente procurando a sustentabilidade sócio-ambiental. O projeto em si tem como base metodológica as técnicas da entrevista, o questionário, a investigação-ação, o brainstorming e a análise SWOT. Estas ferramentas foram necessárias para a elaboração deste projeto, que se apresenta como um guia de orientação para a implementação do movimento da Transição no concelho de Vizela. Nele estão descritos os procedimentos a seguir para que a implementação decorra da melhor forma possível, em que a qualquer momento as orientações podem sofrer qualquer tipo de modificação. O projeto tem como principal objetivo, a ser conseguido através da elaboração de diferentes iniciativas mas que fazem parte de um todo, a tentativa de todos indivíduos do concelho serem de alguma forma pertencentes ao movimento da Transição.

Assim, tendo o projeto um aspeto de guia, a conclusão será baseada nos resultados esperados, acima mencionados, uma vez que só após a implementação do projeto será possível debater uma conclusão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Portuguesa do Ambiente (2020). Desenvolvimento Sustentável. Consultado em Setembro 16, 2020, em <https://apambiente.pt/>
- Alves, A. (2014) PRÁTICAS AMBIENTAIS E A RELAÇÃO DOS VIZELENSES COM O RIO VIZELA. Dissertação de mestrado em Geografia Especialização em Planeamento e Gestão do Território, Universidade do Minho, Braga, Portugal.
- Bauman, Z. (2010) Capitalismo parasitário, Jorge Zahar Editor, Ltda.
- Casarotto, C. (2019). análise estratégica do seu negócio. Blog Rockcontent. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://rockcontent.com/br/blog/como-fazer-uma-analise-swot/>
- Coentro, L. (2016). A história do movimento de Transição. Consultado em Setembro 13, 2020, em http://www.transicaoportugal.net/wp-content/uploads/2014/10/a_historia_do_movimento_de_transicao.pdf
- Digital de Vizela (2016). AMAS volta a limpar Rio Vizela este sábado. DIGITAL DE VIZELA – ddV. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://www.digitaldevizela.com/2016/04/amas-volta-limpar-rio-vizela-este-sabado.html?m=0>
- Fernandes, A. (2019). Presidente da Câmara reúne amanhã com grupos parlamentares. Rádio Vizela. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://www.radiovizela.pt/noticia-presidente-da-camara-reune-amanha-com-grupos-parlamentares>
- Fonseca, I. (2014) Retrato social das pessoas com demência no concelho de Vizela. Dissertação de mestrado em Gerontologia Social, Instituto Superior de Serviço Social do Porto, Porto, Portugal.
- Jornal Oficial da União Europeia (2006). DIRECTIVA 2006/21/CE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 15 de Março de 2006 relativa à gestão dos resíduos de indústrias extrativas e que altera a Diretiva 2004/35/CE. Consultado em Setembro 16, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/Directiva%20n.%202006_21_CE.pdf
- Jornal Oficial da União Europeia (2009). DIRECTIVA 2009/31/CE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 23 de Abril de 2009 relativa ao armazenamento geológico de dióxido de carbono e que altera a Diretiva 85/337/CEE do Conselho, as Diretivas 2000/60/CE, 2001/80/CE, 2004/35/CE, 2006/12/CE e 2008/1/CE e o Regulamento (CE) n.º 1013/2006 do Parlamento Europeu e do Conselho. Consultado em Setembro 17, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/2009-04-23_Diretiva_2009_31_CE.pdf
- Jornal Oficial da União Europeia (2013). DIRETIVA 2013/30/UE DO PARLAMENTO EUROPEU E DO CONSELHO de 12 de junho de 2013 relativa à segurança das operações offshore de petróleo e gás e que altera a Diretiva 2004/35/CE. Consultado em Setembro 17, 2020, em https://apambiente.pt/_zdata/Instrumentos/Responsabilidade%20Ambiental/2012-06-12_Diretiva_2013_30_UE.pdf
- Lusa, A. (2019). Câmara de Vizela responsabiliza ministro do Ambiente por poluição do rio. Observador. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://observador.pt/2019/08/02/camara-de-vizela-responsabiliza-ministro-do-ambiente-por-poluicao-do-rio/>
- Oliveira, C. (2015) AGRICULTURA FAMILIAR E DESERTIFICAÇÃO: ESTUDOS DE CASOS NOS DISTRITOS DE BRAGA E DA GUARDA. Dissertação de mestrado em Estudos de Desenvolvimento, Desenvolvimento Sustentável, Instituto Universitário de Lisboa. Lisboa, Portugal
- Patel, N. Análise SWOT: O Que É e Como Fazer (+ 4 Exemplos Práticos). Blog Neilpatel. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://neilpatel.com/br/blog/como-fazer-analise-swot/>
- Patel, N. (2020). Brainstorming: O Que É, Como Fazer (Passo a Passo). Blog Neilpatel. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://neilpatel.com/br/blog/o-que-e-brainstorming/>
- pplware (2019). Robô que vigia o rio já apanhou 27 moradores a poluírem o Vizela. Pplware. Consultado em Setembro 21, 2020, em <https://pplware.sapo.pt/informacao/robo-que-vigia-o-rio-ja-apanhou-27-moradores-a-poluirem-o-vizela/>
- Ribeiro, J. B. (2017). UMA SOCIOLOGIA DO DESENVOLVIMENTO, © Edições Húmus, Lda. e Autor
- Saraiva, L., Carrieri, A. & Soares, A. (2014) Territorialidade e identidade nas organizações: o caso do mercado central de belo horizonte, Ram. Rev. Mackenzie, São Paulo.

Silva, J. C. (2013) *Vizela, Desenvolvimento e Antagonismos Políticos: As Disputas Autonómicas da Regeneração à República*. Dissertação de mestrado em História e Património, Universidade do Porto, Porto, Portugal.

Socioeco (2003). O que é a inovação social? Consultado em Setembro 16, 2020, em http://www.socioeco.org/bdf_dossier-5_pt.html

TransitionNetwork (2020). Eco-Comunidades na Planície. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://transitioninitiative.org/initiatives/eco-comunidades-na-planicie/>

TransitionNetwork (2016). O Guia Essencial para a Transição. Consultado em Setembro 15, 2020, em <https://transitionnetwork.org/wp-content/uploads/2018/08/O-Guia-Essencial-para-a-Transição-v.1.pdf>

TransitionNetwork (2020). TransitionNetwork. Consultado em Setembro 13, 2020, em <https://transitionnetwork.org/>

Twigg, J. (2009). Características de uma Comunidade Resiliente aos Desastres. Consultado em Setembro 22, 2020, em https://www.academia.edu/6703093/Caracter%C3%ADsticas_de_uma_Comunidade_Resiliente_aos_Desastres_NOTAS_DE_ORIENTA%C3%87%C3%83O

Wikipedia, https://pt.wikipedia.org/wiki/VizelaTransi%C3%A7%C3%A3o_Portugal (2020). Iniciativas de transição. Consultado em Setembro 20, 2020, em <https://www.transicaoportugal.net/iniciativas-de-transicao/portugal/>

ANEXOS

Exemplo de questionário exploratório para as associações

Exemplo de questionário para a população vizelense

Exemplo de questionário para as associações:

1. Tem algum tipo de familiaridade com o conceito do movimento de Transição?
2. Se sim, o que entende como Transição?
3. Se não, explicar sucintamente o que é a Transição.
4. Uma vez que conhece, ou após a explicação do que é a Transição, entende que o movimento é capaz de moldar o quotidiano das pessoas para uma melhor vivência social e ambiental?
5. Em relação ao contacto que já tem com a população vizelense, a implementação do conceito da Transição seria bem aceite pela mesma se bem direcionada e promovida?
6. Uma vez que um dos intuitos da Transição é estabelecer uma rede de contatos entre as associações, pensa que estas poderiam de alguma forma contribuir para a implementação do movimento, no sentido em que todas estariam ligadas por um conceito comum a todas elas?
7. De uma forma geral e conhecendo o conceito da Transição como conhece, a associação de que faz parte poderia contribuir positivamente para a Transição, ou conter membros capazes de ter a mesma linha de pensamento dos parâmetros da Transição?

(O tempo estimado da entrevista é de 30 minutos.)

Exemplo de questionário para a população vizelense:

9. Tem de alguma forma conhecimento sobre o que é o movimento da Transição?
– Se sim, avance para a pergunta 2.
– Se não, avance para a pergunta 4.
10. Uma vez que tem conhecimento sobre este movimento pensa que faria sentido existir uma associação que desenvolve-se a Transição em Vizela?
2.1. Sim. []
2.2. Não. []
11. Acredita que a Transição é capaz, se bem implementada, mudar o estilo de vida e a mentalidade das pessoas em relação as relações sociais e com isso mudar também as mentalidades para a preservação do meio ambiente?
3.1. Sim. []
3.2. Não. []
Deve avançar para a pergunta 5.
12. Sendo a Transição um movimento capaz de alterar a vida das pessoas em benefício de toda a comunidade, sem fins lucrativos, gostaria que uma associação desenvolve-se no concelho de Vizela este tipo de actividade, e com o passar do tempo iria conhecer melhor o tipo de trabalho realizado e os seus benefícios?
4.1. Sim. []
4.2. Não. []
13. Que tipo de tema gostaria de ver desenvolvido pela associação?
5.1. Agricultura. []
5.2. Educação. []
5.3. Preservação ambiental. []

5.4. Desporto. []
5.5. Culinária. []
5.6. Outro. []
14. Estaria disposto assistir a uma palestra sobre como o movimento de Transição poderia ser implementado em Vizela e quais os seus benefícios?
6.1. Sim. []
6.2. Não. []
15. No caso de realmente existir a formação de uma associação que desenvolva a Transição em Vizela julga poder fazer parte desse movimento para benefício próprio como também para os outros habitantes?
7.1. Sim. []
7.2. Não. []
16. Uma vez que ao introduzir a Transição em Vizela é pretendido que se estabeleça por todo o concelho em diferentes formas de atuar, seria mais fácil para si ser um membro da associação se esta tivesse mais próximo da sua habitação?

8.1. Sim. []

8.2. Não. []

(O tempo estimado deste questionário é de 15 minutos.)